

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

LUCAS CORDEIRO SANTOS

**OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DO DISCERNIMENTO NAS CATEQUESES
DO PAPA FRANCISCO**

CAMPINAS

2024

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE TEOLOGIA
LUCAS CORDEIRO SANTOS**

**OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DO DISCERNIMENTO NAS CATEQUESES
DO PAPA FRANCISCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia da Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Teologia.

Prof. Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

CAMPINAS

2024

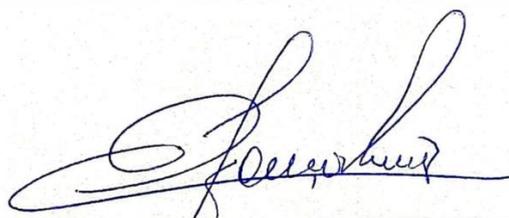
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S194	<p>Cordeiro Santos, Lucas</p> <p>: Os fundamentos teológicos do discernimento nas catequeses do Papa Francisco / Lucas Cordeiro Santos. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.</p> <p>80</p> <p>Orientador: Paulo Sérgio Lopes Gonçalves.</p> <p>TCC (Bacharelado em Teologia) - Faculdade de Teologia, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Discernimento. 2. Papa Francisco. 3. Audiências Gerais. I. Gonçalves, Paulo Sérgio Lopes. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Faculdade de Teologia. III. Título.</p>
------	---

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE TEOLOGIA
LUCAS CORDEIRO SANTOS**

**OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DO DISCERNIMENTO NAS CATEQUESES
DO PAPA FRANCISCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e
aprovado no dia 19 de junho de 2024 pelo pro-
fessor orientador:



Prof. Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

CAMPINAS

2024

Aos meus irmãos da Ordem dos Clérigos Regulares Somascos

AGRADECIMENTOS

A Deus,

Que no Mistério de sua Revelação indaga-me a cada novo suspiro e faz com que eu o busque cada vez mais ardentemente;

Ao Prof. Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves,

Orientador e incentivador deste Trabalho de Conclusão de Curso, pelas suas sugestões, orientações e valiosas contribuições com suas próprias obras teológicas;

Ao Prof. Dr. Alexandre Boratti Favretto,

Diretor da faculdade de Teologia, mas, sobretudo, valioso Diretor Espiritual e amigo que foi o primeiro a saber e contribuir com indicações e sugestões para o desabrochar deste trabalho. Em sua pessoa agradeço a todo corpo docente da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Ao Pe. Americo Veccia, crs

Querido irmão, que contribuiu com a correção e, como não poderia ser diferente, com aspectos estilísticos do nosso vernáculo. Na pessoa dele agradeço a todos meus irmãos da Ordem dos Clérigos Regulares Somascos.

A todos amigos, colaboradores e colaboradoras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas,

Graças a cada um de vocês esta Universidade continua sendo um lugar maravilhoso, no qual buscamos nos alimentar do saber para servir à humanidade.

“São as nossas escolhas que revelam o que realmente somos,
muito mais do que as nossas qualidades”.

Alvo Dumbledore

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso busca compreender analiticamente os fundamentos teológicos do discernimento presentes nas alocações catequéticas do Papa Francisco realizadas entre agosto de 2022 e janeiro de 2023. O método utilizado na confecção desta pesquisa se baseia na arqueologia do objeto material, ou seja, na busca por identificar e compreender as bases dos elementos teológicos expostos nas catorze catequeses sobre o discernimento. Para que seja alcançado tal objetivo, a pesquisa se pautará na revisão bibliográfica destas catequeses e, num segundo momento, na articulação dos elementos ali encontrados com elementos contidos na tradição eclesial. Realizada esta interação, busca-se explicitar, de maneira clara e objetiva, as influências e as fontes das quais emergem os fundamentos teológicos que sustentam os ensinamentos do Sumo Pontífice sobre o discernimento. A partir deste proceder metodológico afirma-se que as catequeses sobre o discernimento possuem uma profunda conexão com a espiritualidade inaciana, especialmente com a obra *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola. Por sua vez, o trabalho busca tatear o caminho percorrido por esta tradição até ser assimilada por Francisco, de modo que são assinalados os jesuítas responsáveis pela formação do jovem Jorge Mario Bergoglio e suas respectivas contribuições. Este estudo arqueológico não se furta a compreensão de fontes e autores externos ao círculo inaciano, estes também foram estudados naquilo que se refere ao conteúdo das catequeses. Por último, o trabalho busca compreender os movimentos do *auditus fidei* e do *intellectus fidei* realizado no interior das próprias catequeses, de modo que os elementos das Sagradas Escrituras e da Tradição sejam visualizados na forma e do modo que Francisco os assume e interpreta. A contemplação de todos os elementos acima descritos embasa a hipótese de que o discernimento se constitui como elemento essencial da teologia e do magistério do Papa Francisco. Por outro lado, compreende-se também que o discernimento é uma necessidade urgente para a Igreja Católica Apostólica Romana e o Mundo Contemporâneo, dado o dilema antropológico atual da falta de esperança e perspectivas. Além disso, este trabalho tem como objetivo prático ratificar o processo teológico vivido na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e a obtenção do bacharelado em Teologia, objetiva-se, também, que estas páginas contribuam para a reflexão teológica contemporânea.

Palavras-Chave: Discernimento. Papa Francisco. Audiências gerais. Método arqueológico. Inácio de Loyola.

ABSTRACT

This course conclusion seeks to analytically understand the theological foundations of discernment present in Pope Francis' catechetical addresses held between August 2022 and January 2023. The method used in preparation of this research is based on the archeology of the material object, that is, the seeks to identify and understand the bases of the theological elements exposed in the fourteen catechesis on discernment. To achieves this objective, the research will be based on the bibliographical review of these catechesis and, secondly, on the articulation of the elements found there with elements contained in the ecclesiastical tradition. After this interaction, the aim is to explain, clearly and objective way, the influences and sources from which the theological foundations that support the Supreme Pontiff's teachings on discernment emerge. Based on this methodological approach, it is stated that the catechesis on discernment has a deep connection with Ignatian spirituality, especially with the work *Spiritual Exercises* by Ignatius of Loyola. In turn, the work seeks to explore the path taken by this tradition until it was assimilated by Francisco so that the Jesuits responsible for the formation of the young Jorge Mario Bergoglio and their respective contributions are highlighted. This archaeological study does not shy away from understanding sources and authors outside the Ignatian circle, these were also studied regarding the content of the catechesis. Finally, the work seeks to understand the movements of *auditus fidei* and *intellectus fidei* carried out within the catechesis themselves so that the elements of the Holy Scriptures and Tradition are visualized in the form and way that Francis assumes and interprets them. The contemplation of all the elements described above supports the hypothesis that discernment constitutes an essential element of Pope Francis' theology and teaching. On the other hand, it is also understood that discernment is an urgent need for the Roman Catholic Apostolic Church and the Contemporary World, given the current anthropological dilemma of lack of hope and perspectives. Furthermore, this work has the practical objective of ratifying the theological process experienced at the Faculty of Theology of the Pontifícia Universidade Católica de Campinas and the obtaining of a bachelor's degree in Theology. It is also intended that these pages contribute to contemporary theological reflection.

Keywords: Discernment. Pope Francis. General hearings. Archaeological method. Ignatius of Loyola.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1Rs: Primeiro Livro dos Reis

AAS: *Acta Apostolicae Sedis*

Eclo: Livro do Eclesiástico

CC: *C'est la confiance*, Exortação Apostólica sobre a confiança no amor misericordioso de Deus por ocasião do 150º aniversário do nascimento de Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, Papa Francisco.

EE: *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola

EG: *Evangelii Gaudium*, Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, Papa Francisco.

FR: *Fides et Ratio*, Carta Encíclica sobre as relações entre fé e razão, João Paulo II

Gn: Livro do Gênesis

GS: *Gaudium et Spes*, Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual, Concílio Vaticano II.

Jo: Evangelho de João

LG: *Lumen Gentium*, Constituição Dogmática sobre a Igreja, Concílio Vaticano II

Mt: Evangelho de Mateus

PC: *Perfectae Caritatis*, Decreto sobre a adaptação e renovação da vida religiosa, Concílio Vaticano II

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. AS CATEQUESES SOBRE O DISCERNIMENTO: CONTEÚDO E FONTE	18
2.1. Introdução	18
2.2. Audiências Gerais: o lugar das catequeses pontifícias	18
2.3. As catequeses de Francisco: as condições e os elementos para discernir	21
2.4. As matérias ou modalidades afetivas do discernimento	24
2.5. <i>Auxilium Christianorum</i> : ajudas para o exercício do discernimento	28
2.6. Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola: fonte das catequeses sobre o discernimento	32
2.7. Considerações Finais.....	34
3. POR DETRÁS DAS FONTES: OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DAS CATEQUESES SOBRE O DISCERNIMENTO DO PAPA FRANCISCO	35
3.1. Introdução	35
3.2. Os elementos transpostos e assimilados de Inácio de Loyola e dos <i>Exercícios Espirituais</i>	35
3.2.1 Princípio e Fundamento	36
3.2.2. Regras do discernimento	39
3.3. De Inácio de Loyola à Francisco: a transmissão da espiritualidade inaciana	42
3.4. Outros aspectos antropológicos e teológicos subjacentes ao discernimento no pensamento de Francisco.....	47
3.4.1. Os princípios polares de Francisco	49
3.5. Considerações finais.....	52
4. A ESCRITURA E A TRADIÇÃO CONTIDAS NAS CATEQUESES DO DISCERNIMENTO À LUZ DOS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS	54
4.1. Introdução	54
4.2. As Sagradas Escrituras	55

4.2.1. Catequese e Sagradas Escrituras: análise de Mt 14, 44-48	56
4.2.2. Alegria: o mote magisterial de Francisco que brota do discernimento	61
4.3. Agostinho de Hipona: a Tradição patrística assumida nas catequese	63
4.4. Considerações Finais	70
5. CONCLUSÃO	73
REFERÊNCIAS	78

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do pontificado de Francisco nota-se o constante uso do termo discernimento. Esta palavra-chave é encontrada em vários de seus documentos e pronunciamentos. Encontra-se na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG) de 2013 em referência ao urgente discernimento eclesial; é amplamente encontrada na Exortação Apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia* (AL) de 2016, sobre o amor na família e consistentemente abordada, em capítulos específicos, na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (GeE) sobre o chamado à santidade no mundo atual de 2018 e na Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit* (ChV), direcionada para os jovens e publicada em 2019.

Além do âmbito dos documentos pontifícios, em entrevista ao Pe. Antonio Spadaro no ano de 2013, Francisco afirmou que o discernimento é o ponto da espiritualidade inaciana que mais o ajuda na vivência do ministério petrino (SPADARO, 2013). Mais recentemente a temática do discernimento voltou ao horizonte eclesial quando Francisco realizou catorze Audiências Gerais (catequese) dedicadas a este tema. As catequese sobre o discernimento foram proferidas entre agosto de 2022 e janeiro de 2023.

Diante da flagrante importância deste conceito no pensamento do Papa Francisco, este trabalho monográfico quer abraçar o objetivo de sintetizar analiticamente e apresentar os fundamentos teológicos do discernimento em suas catequese. Com este objetivo, todavia abrangente e ousado, o objeto material restringiu-se ao conteúdo pronunciado nas catequese, visto que a análise do conceito de discernimento, em todo os documentos de Francisco, levaria à ampliação desmedida do conteúdo e à dispersão do objetivo a ser contemplado.

Soma-se a este recorte epistemológico outro fator importante: o itinerário metodológico. A metodologia empregada pressupõe a realização de um estudo arqueológico, isto é, partindo das catequese do Pontífice para o interior dos conceitos e autores ali encontrados. Deste modo, torna-se possível visualizar o emaranhado teológico no qual a teologia de Francisco se sustenta e, por sua vez, concebe e oferece ao mundo contemporâneo a proposta urgente do discernimento.

Em geral, Francisco aborda o discernimento como um imperativo necessário e urgente para a humanidade atual. Neste sentido, a situação humana contemporânea, visualizada pelo Sumo Pontífice, é de extrema fragilidade e marcada por inúmeras

mazelas nas quais “partes da humanidade parecem sacrificáveis em benefício duma seleção que favorece a um setor humano digno de viver sem limites” (FT 18), como dito na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* de 2020. Ou ainda, como reiteradamente mencionado, a situação atual é marcada pela cultura do descartável e pelo mundanismo espiritual (EG 93) que inverte valores e avilta a condição inviolável de cada ser humano.

Esta mesma situação humana atual pode ser definida à luz do pensamento de Maria Clara Bingemer que, assumindo os postulados de Zygmunt Bauman¹, diz:

Vivemos em um tempo feito de tristeza, de insegurança a respeito de uma posição estável e sólida na sociedade, ou de uma identidade clara – esse é o nosso cotidiano. E, segundo Bauman, isso é mais um passivo que um ativo, um peso que estranha o movimento. O autor qualifica esse contexto de líquido: não tanto o líquido da água pura e cristalina, que lava e desaltera, mas sim uma substância pegajosa, viscosa, que gruda na pele e da qual não se consegue ficar livre (BINGEMER, 2013, n.p).

Tanto Francisco quanto Maria Clara Bingemer permitem chegar à conclusão de que a humanidade, em seu processo de construção, passa por uma etapa de profunda desumanização, seja ela pessoal ou comunitária. Neste sentido, a imagem adotada por Maria Clara Bingemer permite uma constatação: diante “do peso que estranha o movimento”, o discernimento, na visão de Francisco, oferece-se como a água pura e cristalina capaz de lavar e desalterar a condição humana atual.

Na esteira do exposto, o discernimento, pensado e afirmado por Francisco, é uma forma de refletir e responder apropriadamente ao dilema elucidado. Diante de tal constatação, o desejo que move este trabalho é o de buscar compreender como Francisco concebeu esta ideia de discernimento e quais foram as mãos, leituras e outros aspectos que o levaram a tal construto teológico.

Ao lado deste postulado estritamente teológico, decorre outro mais prático, eclesial e pastoral que circunda a vida religiosa contemporânea: o difícil exercício do discernimento na cotidianidade. Escolher e fazer-se responsável pelas escolhas é, categoricamente, um movimento muito difícil para os homens e mulheres de hoje. Assim, a busca pela compreensão dos fundamentos teológicos do discernimento, nas catequeses de Francisco, valida-se também por intentar compreender as entranhas desta intrincada questão antropológica.

¹ Francisco também utilizou as categorias de Bauman numa homilia em 2017. Nesta ocasião, o Pontífice dirigia-se aos membros da Ordem dos Pregadores, pelo seu jubileu de 800 anos e utilizou o conceito de “sociedade líquida” para abordar a falta de referências e a efemeridade contemporânea.

Diante destes postulados, o presente trabalho, realizado de maneira séria e comprometida, justifica-se por abordar uma temática teológica importante e relevante para o cenário atual. Além disso, o estudo do conteúdo das catequeses se coloca como uma benfazeja novidade teológica, visto a escassa produção acadêmica tendo estes textos como objeto material. Ademais, como ficará evidente a seguir, a metodologia e o percurso realizado para a contemplação do objeto estão estritamente alinhadas ao objetivo esperado pela instituição na confecção de um trabalho de conclusão no Curso de Teologia, pois este visa esquadrihar a competência e a capacidade teológica, adquirida pelo discente ao longo de sua trajetória acadêmica.

A par de tais postulados e exigências, ora do próprio saber teológico e de sua cientificidade, ora da instituição e da Faculdade de Teologia, o presente trabalho consta de uma estrutura de três capítulos, orientados a explicitar os fundamentos teológicos do discernimento nas catequeses de Francisco. A unidade dos capítulos assemelha-se, alegoricamente, a uma espiral invertida, isto é, da apreensão dos elementos explícitos para a compreensão daqueles que são intrínsecos e implícitos. Por esta razão o leitor será conduzido, desde a contemplação integral do conteúdo das catequeses, até as suas fontes. Posteriormente, o capítulo segundo compreenderá o estudo das fontes e influências marcantes no fazer teológico do Pontífice. Por último, o terceiro capítulo realizará o exercício de retornar aos elementos da catequese e explicitar neles o movimento do *auditus fidei* e *intellectus fidei*, realizado pelo próprio Papa nas Audiências Gerais e na contemplação dos elementos da Sagrada Escritura e da Tradição.

O primeiro capítulo deste trabalho traz como título: *As catequeses sobre o discernimento: conteúdo e fonte*. O objetivo deste capítulo é apresentar o conteúdo das catequeses, realizadas por Francisco, no período de agosto de 2022 a janeiro de 2023. Para melhor compreender o contexto das Audiências Gerais e a sua própria singularidade, optou-se por apresentar a história destas como um prelúdio capitular. Deste modo, o leitor poderá compreender o contexto do espaço teológico e pastoral no qual o Santo Padre, semanalmente, se dirige aos fiéis.

A apresentação das catequeses, realizada neste capítulo, é determinante no trabalho, pois gera a hipótese norteadora do capítulo seguinte: seriam as catequeses de Francisco dependentes dos textos de Inácio de Loyola? Na esteira deste questionamento surgem elementos que atam os nós entre o conteúdo das catequeses e a

tradição espiritual inaciana. Por este motivo, o capítulo termina apresentando os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola como fonte das catequeses sobre o discernimento.

O segundo capítulo do trabalho, intitulado: *por detrás das fontes: os fundamentos teológicos das catequeses sobre o discernimento do Papa Francisco*, continua articulando o conteúdo das catequeses com a espiritualidade inaciana. Entretanto, neste segundo momento, adere a uma perspectiva profundamente arqueológica, orientada para destrinchar os vários elementos pertencentes a Inácio de Loyola e aqueles que decorrem de outras mãos. Para isso foram fundamentais os textos de Massimo Borghesi e Juan Carlos Scannone que auxiliaram no objetivo de delinear as influências do jovem estudante Jorge Mario Bergoglio e, principalmente, a receptividade que este teve para com as ideias teológicas contemporâneas.

Por esta razão, o segundo capítulo continuará empreendendo o movimento da espiral invertida, trazendo ao conhecimento do leitor, os teólogos e os percursos realizados por Bergoglio para assumir os postulados de Inácio de Loyola sobre o discernimento tal como ele o assume. A partir das informações obtidas nas catequeses e de rastros encontrados em entrevistas e em outros estudos sobre Francisco, passar-se-á a delinear as mãos responsáveis por transmitirem o tesouro da espiritualidade inaciana à Francisco.

Ainda no segundo capítulo serão apresentados outros elementos subjacentes ao pensamento teológico de Francisco. Por isso, à espiritualidade inaciana serão acrescentados o pensamento de Romano Guardini e a *Teologia do Povo*. A apreensão do solo teológico, do qual provem Francisco, será valiosa para compreender seus postulados e seu incessante convite ao discernimento. Por sua vez, de Romano Guardini serão abordados os nexos que permitiram, a Francisco, concretizar um pensamento em tensão que dialoga com o mundo contemporâneo e o compreende de maneira particular.

A guisa de síntese, o segundo capítulo deste trabalho realizará o percurso mais arqueológico de todo o texto. Seu objetivo é apresentar e compreender as fontes do pensamento de Francisco e os caminhos percorridos, por ele, para a edificação da maneira de fazer teologia exposta nas catequeses.

O terceiro capítulo traz como título: *a Escritura e a Tradição contidas nas catequeses sobre o discernimento, à luz dos fundamentos teológicos*. Neste capítulo buscar-se-á delinear a forma pela qual o Papa Francisco assumiu e interpretou elementos

da Sagra Escritura e da Tradição nas catequeses sobre o discernimento. Para tanto, serão apresentados alguns textos selecionados para compreender o exercício do *auditus fidei* e do *intellectus fidei*, no interior das catequeses.

Dividido em duas partes, o capítulo trabalhará a assimilação do conteúdo bíblico e a presença de conceitos agostinianos nas catequeses. O estudo referente a parte bíblica elenará a forma com a qual Francisco realizou interpretações exegéticas e hermenêuticas para poder explicitar características do discernimento. Por isso, serão abordadas algumas citações bíblicas realizadas por Francisco e, especialmente, a referência à Mt 13, 44-48 que decorre da primeira catequese. A escolha desta perícope não é aleatória, mas deriva do próprio exercício interpretativo realizado por Francisco nas catequeses.

Por sua vez, a análise das implicações agostinianas nas catequeses continuará a premissa do exercício arqueológico, visto que são reconhecidas entradas explícitas e outros conteúdos implícitos do bispo de Hipona nos textos das Audiências Gerais. Por isso, neste segundo apartado do capítulo, os conceitos de coração e de desejo, abordados brevemente no primeiro capítulo, serão compreendidos como assumidos de Agostinho de Hipona ou da tradição agostiniana. Para tanto, serão apresentados os vínculos de transmissão e assimilação, bem como, a profunda similaridade conceitual destes termos nas catequeses e no pensamento agostiniano.

E vista da compreensão destes elementos, especialmente dentro da vasta obra agostiniana, o trabalho buscou o auxílio de competentes trabalhos e autores estudiosos de Agostinho. Tal ressalva faz-se necessário para sublinhar que o trabalho não é sobre a teologia de Agostinho, senão que a partir do método arqueológico, compreende que há, no âmbito das catequeses, uma grande influência deste no pensamento exposto por Francisco.

O último elemento a ser apresentado neste trabalho será a conclusão final, cujo objetivo será o de sintetizar as conquistas de cada capítulo e apresentar um inferimento sintético do conteúdo contido em toda monografia. Deste modo, concluir-se-á de maneira satisfatória todas as exigências metodológicas da estrutura do trabalho, ao mesmo tempo que se tem apresentado um consistente trabalho teológico coerente com os postulados acadêmicos e com o reto exercício deste saber.

Uma última explicação se faz necessária: por qual motivo estudar o discernimento em Francisco? E ainda: por que tomar como fontes as catequeses e não outros documentos? A opção por estudar o discernimento em Francisco e não em outros

autores nasce da preponderância que o Pontífice dá a este conceito. Francisco remete-se, na maior parte das vezes, ao discernimento como um conceito teológico de grande envergadura, cuja assimilação contemporânea pode mudar os rumos da humanidade. O discernimento, para Francisco, tem como ponto de partida e chegada o encontro com o Senhor; deste modo, não se fala de uma conceituação imanente para fazer boas escolhas, mas refere-se ao discernimento como categoria, sobretudo, espiritual.

Por sua vez, a escolha das catequesees como objeto material dá-se pela constatação de que, os documentos pontifícios já possuem uma gigantesca produção acadêmica, amplamente versada sobre seus aspectos teológicos, morais e canônicos. Por outro lado, sobre as Audiências Gerais, nota-se a pequena menção ou estudo comprometido com o conteúdo ali abordado. Entretanto, vale a ressalva de que esta opção se ateve, também, à conferência de que as catequesees sobre o discernimento possibilitariam tal empreita teológica e que seu conteúdo possibilitaria o estudo.

Em suma, o leitor deste texto tem em suas mãos o fruto de um trabalho comprometido com o saber teológico, cujo procedimento metodológico erigiu-se na articulação entre o *auditus fidei* e o *intellectus fidei*. Além disso, a forma de analisar o objeto material também se preocupa por explicitar o movimento do *auditus fidei* e *intellectus fidei* realizado pelo Papa Francisco no itinerário das catequesees sobre o discernimento. Deste modo, aquele que se aventurar por estas páginas será levado a uma viagem retrospectiva que ressalta as influências e a trajetória teológica de Francisco desde o início de sua formação como jesuíta até alguns pontos de seus estudos para o doutorado em Romano Guardini.

Por fim, “o discernimento não é uma autoanálise solipsista, uma introspecção egoísta, mas uma verdadeira saída de nós mesmos para o mistério de Deus, que nos ajuda a viver a missão para a qual nos chamou a bem dos irmãos” (GeE 175). Assim, este trabalho não é uma busca solitária e egoísta, mas uma real e concreta saída de si para encontrar Deus e os outros e, deste modo, ofertar os frutos destes encontros aos que empreendem estudos teológicos e querem estudar aspectos do discernimento e do pensamento de Francisco.

2. AS CATEQUESES SOBRE O DISCERNIMENTO: CONTEÚDO E FONTE

2.1. Introdução

Neste capítulo será apresentado o conteúdo das catequeses sobre o discernimento proferidas pelo Papa Francisco entre agosto de 2022 e janeiro de 2023. Esta explanação visa inserir o leitor no objeto analisado de modo a possibilitar que ele compreenda a amplitude do conteúdo teológico que constitui as catequeses sobre o discernimento.

O método empregado para este objetivo é o da descrição dos elementos abordados por Francisco. Além disso, é importante salientar a opção por tomar as catequeses de duas fontes: a primeira sendo os textos compilados² e a segunda a partir dos vídeos disponíveis pela página do Vaticano no *Youtube*³. Este passo foi realizado com a intenção de ofertar a totalidade da experiência das Audiências Gerais, visto que os textos compilados não trazem as leituras bíblicas proclamadas nas audiências, bem como, a ênfase dada pelo Pontífice em sua leitura. Mesmo sendo textos preparados antecipadamente, algumas vezes, são complementados pelo Papa durante a catequese.

Para melhor apresentar o conteúdo das catequeses e de sua realização foram inseridas duas seções: uma introdutória, para compor brevemente a história das Audiências Gerais e outra final, com o objetivo de sublinhar as fontes iniciais das catequeses. As catequeses, por sua vez, foram divididas em três seções: a primeira sobre as condições e elementos para o discernimento; a segunda sobre as matérias ou modalidades afetivas do discernimento e, por último, a intitulada no contexto deste trabalho como *Auxilium Christianorum*: ajudas para o exercício do discernimento. Todas estas divisões e elementos tem por objetivo apresentar o objeto material deste trabalho.

2.2. Audiências Gerais: o lugar das catequeses pontifícias

² Dentro do recorte de compilações serão utilizadas duas fontes, a disponível no site do Vaticano e a editada pelas Paulinas em 2023, publicada na coleção das catequeses de Francisco. É importante dizer que as citações diretas correspondem exclusivamente ao texto publicado pelas Paulinas, enquanto as informações extraídas do site do Vaticano visam abordar os demais elementos das Audiências Gerais.

³ A marca *Youtube* é uma subsidiária da empresa multinacional de softwares *Google*. O *Youtube* é uma plataforma de compartilhamento de vídeos, que pode ser utilizada por qualquer pessoa com internet.

As Audiências Gerais, popularmente conhecidas no Brasil como catequeses do Papa, acontecem às quartas-feiras, mormente na Praça São Pedro, na cidade do Vaticano, elas também ocorrem na Sala Paulo VI⁴. Entretanto, a realização destes encontros que compõem parte importante da atividade pastoral dos Papas tem uma história muito recente. O germe das atuais Audiências Gerais remonta ao dia 26 de abril de 1939, oportunidade na qual o Papa Pio XII realizou a primeira Audiência Geral aos esposos⁵.

Entretanto, tais audiências sob Pio XII tiveram como destinatários exclusivos os recém-casados. Além disso, foram realizadas apenas entre 1939 e 1943 de maneira contínua, às quartas-feiras. Por sua vez, sob o pontificado de João XXIII (1958-1963) foram realizadas vinte e uma Audiências Gerais, sendo estas destinadas a todos os fiéis do mundo, conforme ele mesmo afirmou na Audiência do dia 31 de maio de 1961: “O encontro semanal dos fiéis de toda parte do mundo em torno do Pastor das almas” (GIOVANNI XXIII, 1961, *tradução nossa*).⁶

Por sua vez, sob Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II, Bento XVI e Francisco, as Audiências Gerais tornaram-se um costume tão arraigado na história pontifícia recente que algumas vezes se buscam origens imemoriais para tal. É possível dizer que as Audiências Gerais são a resposta de um modelo pontifício contemporâneo no qual urgiu a necessidade de estar mais próximo aos fiéis e de promover uma reta instrução doutrinal e catequética.

Na esteira desta tradição, são acolhidos e estudados os conteúdos das Audiências Gerais pronunciadas pelo Papa Francisco sobre a questão do discernimento. No entanto, antes de adentrar ao seu conteúdo é necessário ressaltar que as catequeses constituem parte do Magistério de um Pontífice e estão a ele sujeito, bem

⁴ Quando há uma situação climática que inviabilize a realização da Audiência na Praça de São Pedro, elas são realizadas na Sala Paulo VI.

⁵ Recolhendo informações nas *Acta Apostolicae Sedis* 31 (AAS) de 1939 não há nenhuma menção à primeira Audiência Geral aos esposos realizada por Pio XII. O uso do termo italiano *udienza* restringe-se nas *Actas* aos encontros papais com lideranças políticas e outros visitantes. Entretanto, o texto na íntegra do discurso realizado aos esposos, isto é, a audiência, encontra-se disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/audiences/1939/documents/hf_p-xii_aud_19390426.html> Acesso em: 21 mar. 2024. Uma curiosidade histórica remonta a este episódio, pois é muito comum encontrar recém-casados, vestidos como que para o matrimônio, nas primeiras filas das Audiências Gerais até os dias de hoje.

⁶ “L'incontro settimanale di fedeli d'ogni parte del mondo intorno al Padre delle anime”. Além disso, algumas das Audiências Gerais também podem ser encontradas nas *Acta Apostolicae Sedis*, como por exemplo a realizada por João XXIII à Associação de Professores Católicos (AAS 51, 1959, p. 703).

como compreender que estas são celebradas atualmente em meio à velocidade com a qual são divulgadas e veiculadas na sociedade midiática contemporânea.

Por meio do Magistério da Igreja, cujo “ofício pastoral está ordenado ao cuidado para que o povo de Deus permaneça na verdade que liberta” (CATECISMO, 2017, p. 255), cada sucessor de Pedro imprime e reafirma questões essenciais para a vida dos fiéis. Como possuidor do “múnus de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou contida na Tradição” (LG 10), o Magistério da Igreja apresenta de maneira objetiva o pensar eclesial, ou seja, aquilo que a Igreja vive e propõe a partir do *Depositum Fidei*.

Das múltiplas formas pelas quais o Magistério é pronunciado, seja no âmbito local ou universal, moral ou doutrinário, destacam-se, de maneira contundente, as catequeses, realizadas com o nome oficial de Audiências Gerais⁷ do Papa e que, como visto acima, remontam a Pio XII. Nas últimas décadas, estas ganharam muita notoriedade pela grande difusão de seus conteúdos pelos meios de comunicação social e pelas plataformas digitais, tanto oficiais como secundárias.

As Audiências Gerais constam da proclamação de um texto bíblico selecionado⁸, de uma catequese, isto é, reflexão instrutiva, realizada pelo Papa em italiano que é rapidamente sucedida por um resumo em vários idiomas, de breves saudações, realizadas pelo Pontífice, e da oração final. Nas redes sociais, estas catequeses são transmitidas, ou seja, veiculadas ao vivo com imagem e som pelas contas oficiais do Vaticano no *Youtube*, com tradução simultânea em diversos idiomas e recebem constantemente milhares de acessos.

Há algum tempo, nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI tornou-se comum realizar as catequeses sob o signo de um tema, mesmo que este modo de proceder não seja uma regra “bulada”. Na esteira deste costume, entre agosto de 2022 e janeiro de 2023, o Papa Francisco pronunciou catorze catequeses, cujo tema orientador foi o discernimento. Estas catequeses constituem o objeto deste estudo e seu conteúdo será detalhadamente analisado nas linhas seguintes.

⁷ "A audiência geral é um importante encontro semanal (quarta-feira) juntamente com o Ângelus (domingos) e as homilias das missas na capela da Casa Santa Marta, além das celebrações do ano litúrgico, e representam o coração espiritual do magistério petrino do Papa Francisco", assinala uma nota do jornal do Vaticano, *L'Osservatore Romano*" (ACIDIGITAL, 2019).

⁸ Proclamado constantemente nos idiomas italiano, francês, inglês, alemão, espanhol, português, árabe e polonês.

2.3. As catequeses de Francisco: as condições e os elementos para discernir

Nesta seção, serão abordadas as primeiras seis catequeses sobre o discernimento, pois o conteúdo apresentado em cada uma delas destaca as condições necessárias e os elementos para o discernimento. No dia 31 de agosto de 2022, diretamente da Sala Paulo VI, o Papa Francisco iniciou uma jornada de catequeses que iriam percorrer o tema do discernimento, sendo a primeira intitulada: *o que é discernir*. No início desta catequese foi proclamado o texto evangélico de Mateus 13, 44-48:

O Reino dos Céus é semelhante ao tesouro escondido num campo; um homem o acha e torna a esconder e, na sua alegria, vai, vende tudo o que possui e compra aquele campo. O Reino dos Céus é ainda semelhante ao negociante que anda em busca de pérolas finas. Ao achar uma pérola de grande valor, vai, vende tudo o que possui e a compra. O Reino dos Céus é ainda semelhante à rede lançada ao mar, que apanha de tudo. Quando está cheia, puxam-na para a praia e, sentados, juntam o que é bom em vasilhas, mas o que não presta, deitam fora.

Francisco utiliza-se da imagem evangélica para definir o conceito discernimento dizendo que este é: “um ato importante que se refere a todos, pois as escolhas constituem uma parte essencial da vida” (FRANCISCO, 2023, p. 9). Assim, a partir da imagem do homem e do negociante que vendem tudo para comprar o campo e a pérola preciosa, respectivamente, Francisco conclui que o discernimento pressupõe e é formado pela inteligência, pela perícia e pela vontade. Outro corolário desta análise remete à decisão que é pessoal e que ninguém pode tomá-la no lugar do sujeito. Por último, ainda destaca que o “discernimento é aquela reflexão da mente, do coração, que devemos fazer antes de tomar uma decisão” (FRANCISCO, 2023, p. 12). Como é possível observar, na primeira catequese são apresentadas as características introdutórias para a compreensão do discernimento.

No dia 07 de setembro de 2023⁹, numa catequese pronunciada na Praça de São Pedro, Francisco apresenta o testemunho de Inácio de Loyola como exemplo da experiência do discernimento. Da vida de Inácio, Francisco infere ensinamentos muito importantes para a compreensão do discernimento, sendo eles: a escuta do coração, a experiência da leitura de si e a experiência de Deus. Estes três elementos sintetizam, de maneira lacônica, o intencionado na seção, pois compõem as condições para o discernimento. Por isso, o exemplo de Inácio de Loyola é tão importante, pois, em sua

⁹ É interessante notar que nesta catequese o Pontífice não menciona o texto bíblico proclamado na Audiência Geral, Eclo 6, 18-19. Entretanto, retoma a imagem bíblica do tesouro utilizado na catequese anterior.

própria jornada, Inácio interrogou-se sobre a sua existência e tateando os sinais de seu coração e de sua história, tomou a forte decisão de peregrinar como um mendicante, posteriormente, estudar em Paris e, por último, juntamente com alguns estudantes de Paris, dar início a Companhia de Jesus.¹⁰

A terceira catequese sobre o discernimento, datada do dia 28 de setembro de 2022, proferida na Praça de São Pedro, tem por título: *a familiaridade com o Senhor*. Nesta, Francisco dá continuidade à anterior, enfocando mais precisamente a experiência de Deus. Na esteira do afirmado, a relação com Jesus de Nazaré deve levar à superação das falsas imagens de Deus, adquiridas ao longo da vida. Tal superação tem por meta um relacionamento de amizade que seja a fonte de uma alegria indizível. É muito importante notar duas concepções trazidas nesta audiência, sendo a primeira sobre a imprevisibilidade da vida e a segunda sobre a relação de amizade com o Senhor, que deve ser como a de um amigo que fala com outro amigo¹¹ (FRANCISCO, 2023).

A partir da vivência destes dois postulados, o rosto de Deus transfigura-se num rosto diferente daquele que muitas vezes é projetado pela racionalidade humana. O encontro com o Senhor liberta. Este encontro não acorrenta a vida humana e muito menos busca torná-la mais fatigosa. Por isso, a amizade com o Senhor leva o sujeito “a abrir o coração para Jesus, aproximar-se de Jesus, deixar que Jesus entre no coração e nos faça sentir sua presença” (FRANCISCO, 2023, p. 21).

Datada em 5 de outubro de 2023, a quarta catequese nomeada *Conhecer-se a si mesmo*, tem como objetivo continuar o desenvolvimento da catequese sobre a oração. Neste sentido só poderá desenvolver um profundo e fecundo relacionamento com o Senhor, aquele ou aquela que se abriu para o conhecimento de si mesmo. A partir deste argumento, Francisco delineia que a humanidade, levando em consideração cada ser humano em particular, tem dificuldade para compreender o que deseja por não se conhecer, por estar escondida atrás de máscaras. Diante desta situação, faz-se necessário conhecer as “senhas do coração, [...] reler com calma o que acontece no nosso dia, [...] reconhecer o que sacia meu coração” (FRANCISCO, 2023, p. 24).

¹⁰ As referências trazidas pelo Papa Francisco são citações da *Autobiografia* (no Brasil traduzida por *Relatos de um peregrino*) e os *Exercícios Espirituais*.

¹¹ Esta expressão é uma referência clara àquela dos Exercícios Espirituais quando estes explicam o *colóquio*: “O colóquio, propriamente dito, se faz como um amigo fala a seu amigo ou como um servo, a seu senhor, ora implorando um favor ora acusando-se de uma ação má, ora fazendo confidências e pedindo conselho a esse respeito” (EE 54). Entre a edição dos *Exercícios* adotada para este trabalho e a citada pelo papa há um equívoco numérico, sendo no primeiro o n° 54 e no segundo o n° 53.

Por isso, o Santo Padre propõe a realização do exame de consciência geral do dia, este como exercício cotidiano para o conhecimento de si e para a realização de uma avaliação minuciosa dos sentimentos que marcaram cada momento vivido.

No dia 12 de outubro de 2023, direto da Praça de São Pedro, o Papa Francisco proferiu a quinta catequese sobre o discernimento, intitulada: *o desejo*. Nesta oportunidade, o sucessor de Pedro atrelou o conceito de discernimento e de desejo ao conceito *falta*, revelando que o “discernimento é uma forma de busca, e a busca deriva sempre de algo que nos falta, mas que, de certo modo, conhecemos, intuímos” (FRANCISCO, 2023, p. 26). A partir da etimologia da palavra desejo, do latim *de-sidus* e da imagem do doente de Betesda, Francisco opõe o desejo à vontade do momento, pois o querer paralisado do doente de Betesda não é um desejo profundo¹², com raízes ontológicas. A falta proveniente do desejo coloca o sujeito a caminho de saciar aquele vazio; por sua vez, a vontade de momento é insaciável, visto que não se realiza, pois não responde profundamente à realidade humana.

Ainda na perspectiva dos elementos necessários para o discernimento, Francisco, na sexta catequese desta série, pronunciada no dia 19 de outubro, reflete sobre *o livro da própria vida*. O conteúdo desta catequese está muitíssimo atrelado ao da catequese sobre o conhecimento de si. Contudo, Francisco sublinha que a falta da leitura do livro da própria vida, isto é, a imperícia contemporânea em ler os elementos que constituem a própria existência, é um mal que desumaniza. Diante desta constatação, o Santo Padre refere-se ao exemplo de Santo Agostinho que conseguiu ler a própria história e tomar uma decisão que lhe possibilitou ser ainda mais plenamente humano, mesmo que, aos olhos marcados pelo signo do *cronos*, tardiamente.

Ler a própria história, segundo a catequese, é a capacidade de conseguir tatear os vários elementos que movem o ser humano e, captar como Deus age e agiu nesta mesma vida. Daí Francisco afirma que a metodologia do discernimento é narrativa, pressupõe a análise e assimilação de todo o contexto e não de um simples momento. “O discernimento é a leitura narrativa dos momentos bons e dos momentos sombrios,

¹² Nesta catequese é importante notar o comentário do Santo Padre que diz: “Os mestres espirituais o indicam com o termo “desejo”, que, na raiz, é uma nostalgia de plenitude que nunca encontra realização total, e é o sinal da presença de Deus em nós. O desejo não é vontade de momento” (FRANCISCO, 2023, p. 26). A referência aos mestres espirituais e a compreensão da palavra desejo realizada por eles é muito importante para compreender este conceito teológico, tão vilipendiado na contemporaneidade, dentro da perspectiva espiritual e mística apresentada por Francisco. No terceiro capítulo o desejo será analisado à luz da compreensão dos místicos, especialmente de Agostinho.

das consolações e desolações que experimentamos ao longo de nossa vida” (FRANCISCO, 2023, p. 33). Decorre desta catequese a compreensão holística que compõe o discernimento e que, desta forma, exige um profundo movimento de auscultar os sentimentos, afetos e situações do coração¹³. Uma vez mais Francisco chama a atenção para a necessidade do exame de consciência como momento de encontro consigo e com Deus.

Em suma, estas seis catequese destrincham os elementos básicos do processo do conhecimento. A familiaridade com o Senhor é o eixo central do discernimento espiritual trabalhado por Francisco e acontece na vida daquele que crê. Por sua vez, a vida do crente é encarnada numa realidade social e histórica, desta maneira, faz-se muito importante o conhecimento de si e a capacidade de ler a própria história. Estes pressupostos fundamentam e dão condições para a tensão operada pelo desejo. Quem se relaciona com o Senhor e conhece a si próprio não vive condicionado pelas vontades do momento, mas move-se a partir de um desejo profundo, de uma tensão que o impulsiona para corresponder a um apelo interior¹⁴.

2.4. As matérias ou modalidades afetivas do discernimento

Sob o título de matérias ou modalidades afetivas do discernimento, este trabalho agrupa quatro catequese, sendo elas intituladas: a desolação; por que estamos desolados?; a consolação e a consolação autêntica. Nestas audiências, Francisco esquadrinha as matérias que compõem o discernimento espiritual e identifica-as dentro da perspectiva espiritual inaciana. Além disso, discorre sobre como cada uma interfere e ajuda no discernimento cotidiano.

A catequese sobre a *desolação*¹⁵, realizada no dia 26 de outubro de 2022, diretamente da Praça de São Pedro, insere a primeira matéria do discernimento, isto é,

¹³ Francisco, ao longo das várias catequese utiliza a imagem do coração como lugar mais íntimo do ser humano. Neste sentido, parece salutar compreender a imagem do coração extraída da definição da consciência na *Gaudium et Spes*: “A consciência é o núcleo mais secreto e o sacrário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser” (GS 16).

¹⁴ Esta compreensão do desejo será amplamente trabalhada nos terceiro capítulo, pois sua fundamentação teológica na tradição agostiniana é muito importante no quadro de compreensão das catequese sobre o discernimento.

¹⁵ Nesta catequese, como na primeira, Francisco faz menção explícita ao texto bíblico proclamado antes da catequese, sendo, nesta ocasião, Eclo 2, 1-5: “Meu filho, se te ofereces para servir o Senhor, prepara-te para a prova. Endireita teu coração e sê constante, não te apavores no tempo da adversidade. Une-te a ele e não te separe, a fim de seres exaltado no teu último dia. Tudo o que te acontecer, aceita-o, e nas vicissitudes que te humilharem sê paciente, pois o ouro se prova no fogo e os eleitos, no cadinho da humilhação”.

um dos objetos sobre o qual o discernimento se detém. É interessante notar que Francisco se refere a este objeto como uma das *modalidades afetivas do discernimento*. E logo em seguida defini-o a partir dos *Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola*, dizendo:

Obscuridade da alma, perturbação interior, impulso para coisas baixas e terrenas, inquietação devida a várias agitações e tentações: assim, a alma inclina-se para a desconfiança, fica sem esperança e sem amor, torna-se indolente, tibia, triste e como que separada de seu Criador e Senhor¹⁶ (LOYOLA apud FRANCISCO, 2023, p. 34).

Neste sentido Francisco permite que a desolação seja compreendida como a concepção atual de tristeza. Além disso, assinala que ela não pode ser suprimida e deixada de lado como comumente acontece na sociedade contemporânea, pois “ela tem algo de importante para nos dizer, e, se tivermos pressa de nos livrar dela, correremos o risco de perdê-la” (FRANCISCO, 2023, p. 34). Por isso, o Papa chama a atenção para a importância de saber ler a tristeza e a desolação, pois a partir da compreensão destas é possível orientar uma mudança de vida ou “estar atento diante de um possível perigo ou de um bem ignorado” (TOMÁS DE AQUINO apud FRANCISCO, 2023, p. 35). Por isso Francisco exorta que é necessário aceitar e buscar aprender a ler a desolação para discernir.

Ainda sobre a primeira modalidade afetiva do discernimento, no dia 16 de novembro de 2022, Francisco proferiu a catequese na Praça de São Pedro com o seguinte título: *Por que estamos desolados?* Nesta oportunidade o Papa retomou o imperativo da leitura de si como metodologia do discernimento e apontou que a desolação pode ser um momento significativo para o crescimento¹⁷. Diante desta compreensão, Francisco aponta um movimento interior importantíssimo que pode decorrer da desolação: a gratuidade.

As relações humanas estão marcadas por uma deturpação destas mesmas, pois são compreendidas e vividas a partir de um mercantilismo utilitarista que busca a apreensão e o uso do outro, ou seja, a gratificação emocional decorrente das relações. Diante desta constatação, Francisco (2023, p. 40) denuncia que “o Evangelho observa que Jesus vivia frequentemente circundado por muitas pessoas que o procuravam para obter algo, curas, ajudas materiais, mas não simplesmente para estar com

¹⁶ Citação direta dos EE 317.

¹⁷ Para embasar o crescimento na desolação, Francisco faz referência a Agostinho de Hipona, Edith Stein, José Benedito Cottolengo e Charles de Foucauld, pois “para muitos santos e santas, a inquietação foi um ímpeto decisivo para fazer mudanças de vida” (FRANCISCO, 2023, p. 39).

ele”. Assim acontece na vida cotidiana¹⁸ e, segundo a catequese, a desolação pode ser o espaço privilegiado para aprender a estar com o Senhor e com as pessoas, de quem gostamos, de maneira gratuita, simplesmente porque é salutar estar com elas.

No dia 23 de novembro de 2022¹⁹ Francisco realizou a nona catequese sobre o discernimento, intitulada: *a consolação*. Por sua vez, a consolação seria a segunda modalidade afetiva que deve ser compreendida e assimilada no discernimento, mesmo que esta nomenclatura não seja assumida desta forma pelo Papa. Nas palavras de Francisco, a consolação:

É uma experiência de alegria interior que permite ver a presença de Deus em tudo; ela revigora a fé e a esperança, assim como a capacidade de fazer o bem. A pessoa que vive a consolação não se rende diante das dificuldades, pois experimenta uma paz mais forte do que a provação. Portanto, trata-se de um grande dom para a vida espiritual e para a vida em seu conjunto. É viver essa alegria interior” (FRANCISCO, 2023, P. 43).

Entretanto, no decorrer da catequese, Francisco se preocupa em explanar, por várias vezes, aquilo que não é a consolação. Utilizando-se do recurso literário da negação e dos contrários, Francisco diferencia a consolação de sua imitação. Pois a consolação “não é vistosa, mas suave [...], não é uma paz para permanecermos sentados ali, gozando-a, não; ela lhe dá paz e atrai você para o Senhor e põe você a caminho [...], não é pilotável, é uma dádiva do Espírito Santo” (FRANCISCO, 2023, p. 43).

Com estas frases Francisco busca consolidar a verdadeira consolação que provém de Deus e que impulsiona o humano em sua busca pelo Senhor. Na consolação, como modalidade afetiva, é indispensável o discernimento, pois esta pode se tornar o

¹⁸ Francisco utiliza-se da imagem da criança que, muitas vezes, relaciona-se com seus pais a partir de uma lógica do interesse, sendo que o mais importante é a própria relação com os pais. Neste sentido é possível notar que este modo de relacionamento por interesse aponta para a infantilidade egoísta da alma.

¹⁹ Nesta catequese Francisco faz uma breve menção da coragem de Teresinha do Menino Jesus que com 14 anos foi a Roma e queria tocar o prego da crucificação exposto na Basílica de Santa Cruz, sobre isto diz: “A consolação é espontânea, leva você a fazer tudo espontaneamente, como se fôssemos crianças. As crianças são espontâneas, e a consolação leva você a ser espontâneo, com uma doçura e uma paz muito grande” (FRANCISCO, 2023, p. 44). Um fato curioso, além da tensão da imagem da criança que na nota anterior ressalta o egoísmo, é que na Audiência Geral do dia 09 de novembro de 2022, sobre a viagem apostólica ao Reino do Bahrein, depois que duas crianças foram ao seu encontro na Praça de São Pedro, Francisco disse: “eles não pediram permissão [...] vieram diretamente, assim devemos nos comportar com o Senhor. Ir adiante. Ele nos espera sempre. Fez-me bem ver a confiança dessas duas crianças. Elas foram um exemplo para todos nós. Assim, devemos nos aproximar do Senhor, com liberdade” (FRANCISCO, 2022, *online*). As reflexões de Francisco articulam-se nas polaridades, aceitando-as e sublinhando-as, pois ambos os polos existem e conformam a realidade.

objeto do anseio humano e o discernimento recordará que não se devem procurar as consolações de Deus, mas é necessário relacionar-se com o Deus das consolações²⁰.

Na catequese pronunciada no dia 30 de novembro de 2022, sob o título de *a consolação autêntica*, Francisco lança mão de uma compreensão inaciana para apresentar a verdadeira consolação, isto é, do discernimento do princípio, do meio e do fim. Estes três elementos sempre devem estar orientados para o bem. Assim, de maneira muito lúdica, Francisco insere o discernimento de cada uma destas etapas na vida cotidiana. Elucidando que, se um destes passos não conduzir para o bem, muito possivelmente este desejo ou ação não tenha uma inspiração divina, mas maligna. Desta forma Francisco insere um elemento novo: o espírito do maligno ou estilo do inimigo:

O estilo do inimigo – quando falamos inimigo, falamos do diabo, pois o demônio existe, está presente! -, seu estilo, nós sabemos, consiste em se apresentar de maneira sorrateira e disfarçada: começa a partir daquilo que nos é mais querido e depois, pouco a pouco, nos atrai para si; o mal entra secretamente, sem que a pessoa perceba. E, com o passar do tempo, a suavidade se torna dureza: o pensamento se revela pelo que realmente é (FRANCISCO, 2023, p. 49).

Com este elemento, a ambiência do discernimento espiritual fica mais precisa e clara, pois a capacidade de leitura dos elementos acima, ou seja, da própria história, do desejo, da desolação e da consolação, embrenha-se num solo marcado pela coexistência do bem e do mal. Por isso, Francisco renova o apelo para a realização do exame de consciência como leitura das experiências da vida sob um ponto de vista particular. Urge na contemporaneidade “aprender a ler, no livro do nosso coração, o que aconteceu durante o dia” (FRANCISCO, 2023, p. 50).

Com a catequese sobre a *Consolação autêntica*, encerra-se o ciclo que foi agrupado como as matérias ou modalidades afetivas do discernimento. Neste sentido é assaz pertinente recordar que as matérias são a desolação e a consolação, cada uma composta dos elementos apresentados acima. Entretanto, conforme abordado nesta última catequese, é necessário discernir no interior das modalidades afetivas a origem de tudo aquilo que perpassa tal matéria, isto é, se este ou aquele pensamento vem do anjo bom ou do espírito maligno. Motivado por esta intrincada questão, na

²⁰ Francisco utiliza a seguinte citação atribuída a São Bernardo: “procuram-se as consolações de Deus, não se procura o Deus das consolações” (FRANCISCO, 2023, p. 45) para evidenciar o perigo que habita na falta de discernimento diante da consolação e de suas imitações.

continuidade das catequeses, Francisco abordou as ajudas para o exercício do discernimento.

2.5. *Auxilium Christianorum*: ajudas para o exercício do discernimento

As quatro últimas catequeses sobre o discernimento oferecem-se como uma espécie de revisão para confirmar aquilo que acontece no discernimento. Reconhecidos todos os passos anteriores, desde as condições, passando pelos elementos e pelas matérias do discernimento, chega-se à escolha. Nesta seção serão analisadas as catequeses que foram reunidas como os auxílios necessários para o discernimento. Sendo assim, serão apresentadas as seguintes catequeses: sobre a *confirmação da boa escolha*; sobre a *vigilância*; sobre *as ajudas que facilitam o discernimento* e, por último; sobre o *acompanhamento espiritual*.

Na catequese do dia 07 de dezembro de 2022, ocorrida diretamente da Sala Paulo VI, devido ao inverno italiano, o Papa Francisco falou sobre a *confirmação da boa escolha*. Nesta ocasião é possível inferir um profundo panorama antropológico concernente à condição humana da deliberação. Por outro lado, Francisco aborda dois aspectos importantes sobre a confirmação da boa escolha: o tempo e a liberdade.

“O tempo é um critério fundamental para reconhecer a voz de Deus no meio de muitas outras vozes” (FRANCISCO, 2023, p. 51), pois a permanência e a serenidade da escolha no tempo revelam sua originalidade no espírito bom. Além disso, a bondade da escolha tende a ultrapassar os limites dela própria e inundar toda a existência de maneira positiva. Por isso, a permanência da escolha e da consolação no tempo, revela sua dependência do Senhor. Tais elementos levam a considerar a decisão como “um possível sinal de resposta ao amor e à generosidade que o Senhor tem em relação a mim” (FRANCISCO, 2023, p. 52).

Por sua vez, outro elemento que assegura a confirmação da boa escolha é a liberdade diante desta, ou seja, a capacidade de reconsiderá-la outras vezes e discernir aquilo que fora escolhido sem estar aprisionado na escolha anterior. Sobre isso, Francisco aponta que a possessividade é “inimiga do bem e mata o afeto” (FRANCISCO, 2023, p. 52). Partindo da triste realidade da violência familiar, Francisco busca demonstrar que a possessividade mata toda e qualquer relação. Assim, o discernimento que possibilita a escolha deve salvaguardar em primeiro lugar a relação com o Senhor, fonte e origem de todo bem. Deste modo, conclui-se que uma escolha é boa

quando perdura em serenidade e vê-se submetida à liberdade de ser reavaliada em vista da relação do sujeito com Deus.

No dia 14 de dezembro de 2022, na Sala Paulo VI, Francisco realizou a décima segunda catequese sobre o discernimento, cujo tema foi o da *vigilância*. Uma vez mais Francisco faz menção à leitura realizada na própria catequese, Mt 12, 43-45:

Quando o espírito impuro sai do homem, perambula, por lugares áridos, procurando repouso, mas não encontra. Então diz: Voltarei para a minha casa, de onde sai. Chegando lá, encontra-a desocupada, varrida e arrumada. Diante disso, vai e toma consigo outros sete espíritos piores do que ele, e vêm habitar aí. E, com isso, a condição final daquele homem torna-se pior do que antes.

A partir desta imagem bíblica, o Papa evidencia o perigo da falta de vigilância que pode decorrer da confiança exagerada na própria escolha e do esquecimento da graça de Deus. Neste sentido, a abordagem do Bispo de Roma sobre este conceito sustenta-se em duas vertentes: a escatológica e a atitudinal. Ambas decorrem das palavras e da pregação de Jesus, que insistia com os discípulos para que estivessem vigilantes, ora na vida cotidiana e ora com implicações para a vida futura.

Por isso, Francisco alerta para o perigo da egolatria que leva ao esquecimento do Senhor e para os artifícios do diabo que é educado e sagaz. Desta forma é necessário “velar sobre o coração, pois a vigilância é sinal de sabedoria, é, sobretudo, sinal de humildade, pois temos medo de cair, e a humildade é a via mestra da vida cristã” (FRANCISCO, 2023, p. 58). Por outro lado, a atitude de soberba leva ao descuido pela própria vida espiritual, de modo que o espírito impuro retorne com seus companheiros e torne a condição final daquele ser humano pior do que antes.

No dia 21 de dezembro de 2022, o Papa Francisco realizou a décima terceira Audiência Geral sobre o discernimento, diretamente da Sala Paulo VI, cujo título foi as *ajudas que facilitam o discernimento*. É interessante que nesta catequese o tema do discernimento é introduzido a partir da dificuldade que é discernir: “que prática complicada é discernir! Na realidade, é a vida que é complicada, e, se não aprendermos a lê-la, complicada como é, corremos o risco de desperdiçá-la, levando-a em frente com expedientes que acabam por nos aviltar” (FRANCISCO, 2023, p. 59).

Nesta catequese Francisco aponta a ajuda proveniente da Palavra de Deus e da doutrina da Igreja. “Elas nos ajudam a ler o que se move no coração, aprendendo a reconhecer a voz de Deus e a distingui-la de outras vozes, que parecem se impor à nossa atenção, mas que, no final, nos deixam confusos” (FRANCISCO, 2023, p. 59). Esta instrução aos cristãos para que tenham a Palavra de Deus no bolso, que tenham

familiaridade com ela é muito característica dos discursos pastorais do Papa Francisco. E, neste mesmo sentido, é um dos auxílios citados durante a catequese.

Por outro lado, Francisco também lembra outra grande ajuda: a do Espírito Santo. Tristemente, ele reconhece que na vida cristã ocidental o Espírito Santo parece ser entendido como uma Pessoa da Trindade que está ali, mas que não conta. Por isso Francisco exorta os presentes a se relacionar, dialogar com o Espírito Santo assim como se relacionam com as outras Pessoas da Trindade²¹.

Por fim, no dia 04 de janeiro de 2023, direto da Sala Paulo VI, Francisco realizou a última catequese sobre o discernimento, intitulada *o acompanhamento espiritual*²². Esta catequese completou a anterior, inserindo o tema do acompanhamento espiritual. Para Francisco o crescimento não acontece quando se busca caminhar sozinho, pois é na relação com o outro que a verdade sobre si aparece; o outro revela aquilo que se é de maneira mais plena, com a clareza das potencialidades e fragilidades de cada um.

Para corroborar com esta compreensão sobre o tema do relacionamento, são elencadas passagens bíblicas nas quais as pessoas que se aproximam de Jesus chegam a uma nova percepção de si mesmas, sendo elas: a samaritana (Jo 4), Zaqueu (Lc 19, 1-10), Nicodemos (Jo 3, 1-21) e os Discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35). Sobre isso, Francisco ainda diz que: “Narrar diante de outra pessoa o que vivemos ou o que procuramos ajuda a esclarecer a nós próprios, trazendo à luz os numerosos pensamentos que habitam em nós, e que muitas vezes nos inquietam com seus insistentes refrões” (FRANCISCO, 2023, p. 67).

Assim, Francisco aponta que o acompanhamento espiritual é uma ajuda importantíssima para aquele que busca o Senhor. Pois o “acompanhante espiritual” é: “aquele ou aquela que acompanha (...) não se substitui ao Senhor, não faz o trabalho no lugar da pessoa acompanhada, mas caminha ao seu lado, encoraja-a a ler o que se move no coração, o lugar por excelência em que o Senhor fala” (FRANCISCO, 2023, p. 67). Aquele que acompanha é capaz de clarear situações obscuras e de desvelar aquilo que está encoberto na consciência do próprio sujeito sobre si.

²¹ Francisco diz: “É interessante levar a vida na amizade com o Espírito Santo: ele muda você, faz você crescer” (FRANCISCO, 2023, p. 63).

²² Neste dia o corpo do Papa Bento XVI estava sendo velado na Basílica de São Pedro, o que foi mencionado por Francisco com as seguintes palavras: “Gostaria que nos uníssemos a todos que, aqui ao lado, prestam homenagem a Bento XVI, e dirigir meu pensamento a ele, que foi um grande mestre de catequese” (FRANCISCO, 2023, p. 65).

Já no término das catequeses, Francisco faz uma breve menção a Maria como aquela que é “mestra do discernimento: fala pouco, ouve muito e preserva no coração” (FRANCISCO, 2023, p. 69). Os relatos evangélicos, segundo Francisco, apontam em Maria atitudes muito pertinentes para quem quer discernir. Diante destas três expressões quase coloquiais, falar pouco, ouvir muito e preservar no coração, é possível identificar em Maria a postura fundamental daquele que se deixa orientar pelo Senhor em suas escolhas.

O binômio, falar pouco e ouvir muito, transparece o mistério da promessa cumprida, pelo Senhor, na generosa resposta de Maria. Maria, como discípula fiel não murmurou contra o Senhor, teve sensibilidade para escutar sua presença em cada momento de sua história. Em contraposição ao povo no deserto, Maria não protestou ante as dificuldades, mas esteve atenta a presença de Deus. Por sua vez, o gesto de preservar no coração aponta para a importância deste conceito, o coração é o lugar de encontro com Deus. O exemplo de Maria ressalta o imperativo do encontro com o Senhor na interioridade.

Ainda sobre Maria, o Papa sublinha que as poucas vezes que Maria fala nos Evangelhos, sua fala é penetrante e profética, como em Caná: “Fazei o que ele vos disser” (Jo 2,5). Estas palavras de Maria são uma exortação para todos aqueles que seguem Jesus de Nazaré. O silêncio exterior de Maria nos Evangelhos não é indiferente, mas brota de um relacionamento com o Deus da Vida. Por isso, Maria é também uma figura paradigmática do discipulado e do discernimento. Além disso, o Papa termina o ciclo de catequeses recordando uma senhora que lhe ensinou que a atitude, o gesto que Maria sempre faz é o de apontar para Jesus: sem deter nada para si ela sempre indica Jesus. Eis a missão daquele ou daquela que acompanha espiritualmente: não deter nada para si, indicando sempre Jesus.

Com estas belíssimas imagens, Francisco concluiu todas as catequeses sobre o discernimento. É importante notar que subjaz a todas as catequeses de Francisco, sobre o discernimento, uma concepção espiritual muito precisa: a espiritualidade dos *Exercícios Espirituais de Santo Inácio*. Por isso, faz-se necessário compreendê-los como fonte destas catequeses, visto que amparadas na experiência inaciana, as indicações de Francisco ganham maior nitidez e clareza quanto aos fundamentos teológicos e sua amplitude espiritual, sendo este o objeto que será analisado abaixo.

2.6. Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola: fonte das catequeses sobre o discernimento

O pensamento de Francisco é claramente dependente da espiritualidade inaciana. Este postulado é evidente, dado que grande parte de sua trajetória eclesial foi na *Companhia de Jesus*. Além disso, numa entrevista concedida ao Pe. Antonio Spadaro, Francisco respondeu desta maneira à pergunta sobre qual seria o ponto da espiritualidade inaciana que o ajuda a viver seu ministério:

«O discernimento», responde o Papa Francisco. «O discernimento é uma das coisas que Santo Inácio mais trabalhou interiormente. Para ele, é um instrumento de luta para conhecer melhor o Senhor e segui-lo mais de perto. [...] E foi isto o que também me aconteceu nestes meses. E o discernimento realiza-se sempre na presença do Senhor, vendo os sinais, escutando as coisas que acontecem, o sentir das pessoas, especialmente dos pobres. As minhas escolhas, mesmo aquelas ligadas à vida quotidiana, como usar um automóvel modesto, estão ligadas a um discernimento espiritual que responde a uma exigência que nasce das coisas, das pessoas, da leitura dos sinais dos tempos. O discernimento no Senhor guia-me no meu modo de governar. (SPADARO, 2013, *online*).

Outras várias referências à proximidade íntima do pensamento de Francisco aos escritos e a espiritualidade de Inácio de Loyola serão realizadas no próximo capítulo. Em seguida urge compreender a cosmovisão dos *Exercícios Espirituais* que subjaz nas catequeses. Por isso é importante compreender a totalidade destes Exercícios e a profunda assimilação conceitual empreendida por Francisco ao longo das catequeses sobre o discernimento.

Em linhas gerais, entende-se por *Exercícios Espirituais*²³ de Santo Inácio a realização de um itinerário de quatro semanas de “retiro”, orientadas a partir dos postulados expressos por Inácio de Loyola e contidos no livro *Exercícios Espirituais*. Deste modo, aquele que recebe os exercícios é orientado de maneira a melhor assimilar seu conteúdo; entretanto, aquele que dá os exercícios apenas acompanha “como fiel de uma balança” (EE 15) o relacionamento daquele que recebe os exercícios com o Criador e tudo aquilo que lhe ocorrer.

Não é sem motivo que, o testemunho escolhido por Francisco na segunda catequese sobre o discernimento, tenha sido o de Inácio de Loyola, pois o discernimento

²³ Inácio de Loyola define os Exercícios da seguinte maneira: “qualquer modo de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocal e mentalmente, e outras operações espirituais. Assim como passear, caminhar e correr são exercícios corporais, chamam-se Exercícios espirituais diversos modos de a pessoa se preparar e dispor para tirar de si todas as afeições desordenadas. E, depois de tirá-las, buscar e encontrar a vontade divina na disposição de sua vida para a sua salvação” (EE 1).

foi, como afirmado acima, uma das coisas que Inácio mais trabalhou. Inicialmente há de se compreender que a visão dos Exercícios concebe o ser humano dentro de uma tensão existencial marcada pela pluralidade de pensamentos, ou como afirma Inácio “pressuponho que há em mim três pensamentos. A saber: o meu próprio que provém, simplesmente, da minha liberdade e querer; e outros dois, que vêm de fora: um proveniente do bom espírito e outro do mau” (EE 32).

A pessoa espiritual se apercebe destes vários movimentos dentro de si. A diversidade de pensamentos tem também uma diversidade intrínseca de agentes: *eu*, Deus e o inimigo. Além destas duas diversidades, isto é, de pensamentos e agentes, Inácio concebeu uma outra, muito importante e utilizada por Francisco nas catequeses: a diversidade de sentimentos e/ou estados. Entende-se, por esta diversidade, dois estados: a consolação espiritual que ressalta o amor pelo Criador e predispõe o exercitante para o serviço de Deus e, oposto à consolação, encontra-se a desolação espiritual, cuja definição inaciana foi utilizada pelo Papa na sétima catequese²⁴.

Na diversidade de estados,²⁵ Inácio compreende uma diversidade de pensamentos, “pois assim como a consolação é contrária à desolação, do mesmo modo os pensamentos que saem da consolação são contrários aos pensamentos que saem da desolação” (EE 317). Da mesma forma, na desolação é o mau espírito que aconselha em vista de fazer com que o exercitante erre o caminho, enquanto na consolação quem mais guia e aconselha é o bom espírito. Todos estes conceitos e compreensões, que edificam um pensamento espiritual, compõem aquilo que Inácio de Loyola denomina *Regras de discernimento dos espíritos*.

As *Regras* são fundamentais para que aquele que recebe os *Exercícios Espirituais* possa compreender aquilo que se passa dentro de si, durante as quatro semanas. Pois são elas, as regras, que articulam o entendimento das moções durante as várias orações e contemplações. Vale salientar que, durante os *Exercícios*, são contemplados: o texto do *Princípio e Fundamento* que é uma explanação sobre a condição humana diante de Deus; o Antigo Testamento e a espera do Salvador (conteúdo da Primeira Semana); o Novo Testamento, a presença do Verbo eterno entre nós, da Encarnação até a Paixão (conteúdo da Segunda Semana); o Mistério Pascal de

²⁴ “Ecuridão interna, perturbação, moção para as coisas baixas e terrenas, inquietude, com diversas agitações e tentações, movendo à desconfiança, sem esperança, sem amor, achando-se a pessoa toda preguiçosa, tibia, triste e como que separada de seu Criador e Senhor” (EE 317).

²⁵ É importante notar que utiliza-se a palavra estados por falta de um vocábulo mais apropriado que ressalte a dinâmica interior destes.

Cristo, da Paixão à morte Redentora (conteúdo da Terceira Semana) e a Ressurreição e Ascensão (conteúdo da Quarta Semana).

Os *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola fazem parte da tradição espiritual da Igreja e, por isso, são patrimônio de todos os cristãos e cristãs que desejam crescer na vida espiritual. Por outro lado, Francisco, como herdeiro por excelência da tradição inaciana, possui um profundo entendimento e vivência destes postulados, os quais decidiu compartilhar com todo o *orbe* cristão, por meio de suas catequeses sobre o discernimento.

2.7. Considerações Finais

A guisa de uma conclusão para o capítulo, é possível dizer que as catequeses do Papa Francisco sobre o discernimento constituem-se como uma releitura das *Regras de discernimento dos espíritos* dos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola. Dado que a assunção dos conceitos e ensinamentos destes textos são patentes, conforme elencados no decorrer do capítulo. Francisco retoma as formulações axiais de Inácio de Loyola e as atualiza diante de um novo panorama humano. Não é mais em meio a *Reforma* do século XVI que se propõe o discernimento e os *Exercícios Espirituais*, mas em meio ao *mundanismo espiritual* (EG 93) do século XXI que exige novos postulados e compreensões.

Deste modo, por meio de seu Magistério pronunciado nas Audiências Gerais, Francisco oferece uma releitura dos pressupostos inacianos que devem ser colocados em prática na vida espiritual de cada pessoa, cujos desdobramentos sociais, comunitários e pastorais são encontrados em todo seu pontificado. No próximo capítulo serão analisados os fundamentos teológicos do discernimento no pensamento de Francisco à luz de suas influências e posições teológicas apresentadas ao longo de sua vida.

3. POR DETRÁS DAS FONTES: OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS DAS CATEQUESES SOBRE O DISCERNIMENTO DO PAPA FRANCISCO

3.1. Introdução

As catequeses sobre o discernimento, do Papa Francisco, não podem ser compreendidas como uma ilha de audiências desligadas ou isoladas de todo o edifício teológico do Pontífice. As expressões e afirmações contidas nas catequeses estão em íntima harmonia com outras alocações e textos de Francisco. Por isso, este capítulo tem o objetivo de apresentar e compreender as fontes de seu pensamento e os caminhos percorridos, por Francisco, para a edificação desta maneira de fazer teologia.

Na primeira parte da seção, serão analisadas as fontes inacianas da teologia do Sumo Pontífice, pois, como afirmado anteriormente, o pensamento exposto nas catequeses decorre claramente das *Regras para o discernimento dos espíritos* contidas nos *Exercícios Espirituais*. Por sua vez, a assimilação deste conteúdo por Francisco não pode ser entendida de maneira direta, pois seu contexto histórico é o de retomada dos elementos da espiritualidade inaciana e, neste sentido, Francisco fora precedido por grandes baluartes da espiritualidade inaciana que lhe serviram como catalisadores na jornada de conhecer mais intimamente Inácio de Loyola.

Além disso, num segundo momento desta seção serão contemplados outros aspectos subjacentes à teologia do Papa Francisco, de modo especial as características antropológicas e teológicas que mais influenciaram seu pensamento, como Romano Guardini e a *Teologia do Povo*. Por último, os Princípios Polares, expressos na *Evangelii Gaudium*, serão apresentados como pressupostos axiais ao desenvolvimento da própria catequese. Estes elementos têm como objetivo aclarar as fontes de Francisco e as referências do seu pensamento.

3.2. Os elementos transpostos e assimilados de Inácio de Loyola e dos *Exercícios Espirituais*

A transmissão da tradição inaciana é marcada pelos quatro séculos que distanciam Inácio de Loyola de Francisco. Nesse sentido, é importante aclarar que a espiritualidade inaciana assumida pelo Papa é cheia de matizes próprios e, de certo modo, herdada de várias mãos diferentes que lhe transmitiram este tesouro espiritual. Por

isso, a seguir, buscar-se-á compreender a tradição inaciana, em especial a exposta nos *Exercícios Espirituais*, e sua influência nas catequeses do Papa Francisco.

3.2.1 Princípio e Fundamento

O primeiro elemento que deve ser considerado não é citado diretamente no decorrer das catequeses sobre o discernimento, entretanto, subjaz e dá robustez a todo pensamento inaciano sobre o homem e Deus. Por isso, a compreensão dos fundamentos teológicos das catequeses depende da assimilação de um texto imprescindível nos *Exercícios Espirituais* chamado *Princípio e Fundamento*:

O ser humano é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor e, assim, salvar-se. As outras coisas sobre a face da terra são criadas para o ser humano e para o ajudarem a atingir o fim para o qual é criado. Daí se segue que ele deve usar das coisas tanto quanto o ajudam para atingir o seu fim, e deve privar-se delas tanto quanto o impedem. Por isso, é necessário fazer-nos indiferentes a todas as coisas criadas, em tudo o que é permitido a nossa livre vontade e não lhe é proibido. De tal maneira que, da nossa parte, não queiramos mais saúde que enfermidade, riqueza que pobreza, honra que desonra, vida longa que vida breve, e assim por diante em tudo o mais, desejando e escolhendo somente aquilo que mais nos conduz ao fim para o qual somos criados. (EE 23).

O texto apresentado constitui uma clara afirmação antropológica à luz dos elementos da fé revelada, pois concebe o ser humano em relação ao Criador, localiza-o em meio à realidade das outras coisas criadas e pondera o modo relacional entre o humano, o Criador e as demais criaturas²⁶. Levando em consideração o contexto histórico dos escritos de Inácio de Loyola, nota-se a irrupção de características teológicas provenientes da Idade Média, especialmente de Tomás de Aquino e da *Devotio Moderna*²⁷. Estes elementos ficam nítidos na “capacidade de valorização da subjetividade humana, sua individualidade e sua interioridade pois, através dos EE abre-se um caminho para que a pessoa acolha em si o Mistério” (MELO, 2023, p. 160).

²⁶ Neste ponto faz-se necessário apontar a influência do teólogo jesuíta Karl Rahner (1904-1984) na compreensão da implicação do sujeito na própria experiência teológica, influência tanto para Francisco quanto para a teologia hodierna. Isto pois, a compreensão explicitada acima sobre o *Princípio e Fundamento* pressupõe a intuição rahneriana que “o ser humano está sempre tencionado para a totalidade incompreensível da realidade, aberto ao seu fundamento, donde temos o ser diante do Mistério Absoluto” (CARRARA; MACHADO, 2017, p. 373)

²⁷ A *Devotio Moderna* foi um movimento espiritual que surgiu “nos Países Baixos em fins do século XIV, espalhou-se pela Europa durante o século XV. Corrente espiritual e reformista, com ideia ascética nova e original, assinalava-se pela piedade subjetiva e pessoal, pelo biblicismo e cristocentrismo afetoso, pelo ascetismo e apreço da vida religiosa, pela imitação de Cristo e por oração metódica” (MONDONI, 2014, p. 59).

A finalidade humana, por sua vez, é explicitada categoricamente nos verbos: louvar, reverenciar e servir. Verbos que se apresentam de maneira transitiva, relacionados a Deus. Por isso, a finalidade humana é relacional e procede de sua condição criatural, de modo que já no *Princípio e Fundamento* sejam encontradas as tensões entre o eterno e temporal, o universal e o singular, a transcendência e a imanência. Esta compreensão é netamente teológica e decorre do reconhecimento da afirmação de Deus, pois:

A vivência primordial da fé bíblica experimenta o Deus como aliado onipotente e sofre um processo simultâneo e paradoxal, de universalização e personalização. De um modo sempre mais explícito, o Deus revelado como Senhor da Aliança aparece como Criador do universo e como Senhor da história das nações e ainda da existência individual (PASTOR, 2012, p. 35).

Este é o ponto axial para entender a visão exposta no *Princípio e Fundamento*: há um Deus que principia e fundamenta a vida humana e é entendido, à luz da *História da Salvação*, como o Criador. Não obstante esta afirmação, o texto apreende outra complexa situação que é a tensão existente entre a revelação universal de Deus, o Senhor dos povos e nações e sua revelação pessoal e íntima, extremamente captada por Inácio de Loyola em seu mundo circundante. Assim, o Criador se autorevela como Senhor dos povos e Deus pessoal que convoca cada pessoa singularmente a união com ele.

O caráter unitivo é essencial na perspectiva apresentada por Inácio de Loyola, pois ao ser humano cabe deliberar entre as coisas para alcançar a Deus. Esta compreensão leva a uma postura de indiferença²⁸ para com as coisas criadas, não desejando-as sobre as demais, mas acolhendo-as em vista de sua potencialidade unitiva, isto é, rejeitando aquelas que distanciam a criatura do Criador e acolhendo as que a aproximam.

Em decorrência desta situação, o texto aponta para a escolha como parte do processo que conduz à finalidade para qual o humano foi criado. Neste apartado há uma questão muito interessante que dialoga com a totalidade das catequeses sobre o discernimento: o critério das eleições e das escolhas decorre da vontade de Deus e da conformação do humano a esta mesma vontade. Neste exato ponto, a primeira

²⁸ Este conceito não pode ser compreendido de modo contemporâneo e muito menos moderno, ligado ao indiferentismo condenado por Leão XII, na Encíclica *Ubi primum*, 5 mai. 1824 (DH 2720). O fazer-se indiferente no pensamento inaciano quer afirmar “a exigência de emancipar-se pessoalmente ‘de toda afeição desordenada’, a fim de tornar-se incondicionalmente disponível ao chamado pessoal do Senhor” (LAFONTAINE, 2022, p. 74).

catequese sobre o discernimento faz uma intersecção com o *Princípio e Fundamento*, pois aponta a finalidade do ser humano, dada por Deus, a partir da assimilação de Gn 2, 16-17: “se quiser viver, se quiser desfrutar da vida, lembre-se de que é criatura, que não é o critério do bem e do mal, e que as escolhas que fizer terão uma consequência para você, para os outros e para o mundo” (FRANCISCO, 2023, p. 12).

Deste modo, as catequese sobre o discernimento apresentam, em seus contornos, o conteúdo teológico e antropológico do *Princípio e Fundamento*, pois o ser humano vê-se impelido por Deus a corresponder à sua autodoação e revelação a partir do encontro com Jesus Cristo propiciado principalmente nas duas primeiras semanas dos Exercícios. Além disso, no interior da apreensão jesuítica, “discernir é deixar-se iluminar pela fé na tomada de tal decisão” (LIBÂNIO, 2005, p. 7); por isso, o retirante que conclui a primeira e a segunda semana decide reordenar a própria vida por ter realizado um encontro com Jesus de Nazaré que lhe motiva viver o *Princípio e Fundamento*. Na esteira do contemplado,

A mística inaciana, compreendida a partir do “princípio e fundamento”, é pois, uma percepção e recepção da graça divina na integridade do sujeito, ou seja, de toda sua constituição, que adentra em sua interioridade e de lá reordena sua existência, mesmo que nem sempre seja possível, pelos recursos da linguagem, exprimir plenamente essa experiência do inefável Mistério, embora revelado²⁹ (MELO, 2023, p. 164).

Por fim, o *Princípio e Fundamento* vigora como pressuposto e meta para qualquer um que deseje viver os *Exercícios Espirituais*. Em seu texto estão definidos os estatutos básicos da vivência espiritual e são apresentados os alicerces do construto teológico de Inácio de Loyola, sua visão de mundo, do ser humano e do relacionamento deste com Deus. Fruto do encontro de características do Medievo e do ardente desejo de mudança impetrado pelo Renascimento, os *Exercícios* de Inácio de Loyola conjugam interioridade e relação, escolha e rejeição no constante desejo de abrir-se à Graça do Criador, a partir da vida de Jesus Cristo.

²⁹ Este elemento captado por Melo em seus estudos sobre a mística inaciana revela a polaridade dialética da experiência de Deus como *absconditus et revelatus* que, segundo Pastor (2012, p. 36) “se resolveu em uma identificação entre o Deus escondido do mundo e o Senhor revelado na história.” Esta identificação é bem característica da compreensão inaciana, visto a necessidade dos *Exercícios Espirituais* para reordenar a própria existência a partir de Deus e retornar a cotidianidade.

3.2.2. Regras do discernimento

Após analisar as concepções expostas no *Princípio e Fundamento* e compreendê-las dentro do objeto material desta pesquisa, passa-se neste segundo momento à contemplação e comparação dos elementos inicianos expostos nas *regras do Discernimento dos espíritos* (EE 313-336) e suas implicações no conteúdo exposto por Francisco nas catequeses. Por este motivo, faz-se necessário recordar a mudança axial operada no período de Inácio de Loyola com a *Devotio Moderna*.

Aliado a confluência de inúmeros aspectos teológicos, especialmente àqueles decorrentes da escolástica e de Tomás de Aquino, opera-se no interior dos *Exercícios Espirituais* o movimento de assimilação da constituição humana, isto é, de sua natureza como lugar privilegiado para a relação com o divino. Esta operação não diminui o protagonismo da Graça divina, não obstante, revela que a humanidade e cada sujeito em sua complexidade é um importante agente nesta relação.

Deste modo, cabe realizar um exercício comparativo entre os excertos das catequeses, apresentados anteriormente, e o texto das *Regras para o discernimento dos espíritos* com ênfase na compreensão antropológica exposta em ambos os casos e suas implicações. Vislumbra-se assim estreitar as relações do método de discurso catequético do Pontífice com aquele empregado por Inácio de Loyola para apresentar suas regras para quem recebe os *Exercícios Espirituais*.

Inicialmente,³⁰ Inácio de Loyola apresenta, em suas *Regras*, a diversidade dos tipos de pensamento e a forma como cada um deles age no interior de cada ser humano. Recordando que os tipos de pensamento são três³¹: “o meu próprio, que provém simplesmente de minha liberdade e querer; e outros dois, que vêm de fora: um proveniente do bom espírito e outro do mau” (EE 32). Ele expressa-se afirmando que os espíritos se movem de acordo com a situação individual. No caso da pessoa estar “indo de pecado mortal em pecado mortal” (EE 314) o bom espírito age na consciência

³⁰ Para compreender o que segue é importante compor um quadro completo daquilo que é pensado por Inácio de Loyola para os Exercícios Espirituais: uma pessoa que está vivendo os *Exercícios Espirituais* encontra-se apartada de sua realidade cotidiana e realiza quatro ou cinco momentos ao dia de profunda *meditação*, buscando conformar sua vida àquilo que é contemplado na vida de Cristo. Assim, por várias horas cada exercitante realiza momentos de *discernimento espiritual*, isto é, busca compreender os pensamentos e sentimentos que lhe aflige e para onde estes o movem.

³¹ René Lafontaine realiza uma pertinente arqueologia sobre os três tipos de pensamento na história da teologia; sem deixar de ressaltar que Inácio de Loyola os concebeu a partir de uma experiência pessoal. Entretanto, para o autor “essa série se enraíza na mais antiga tradição bíblica e espiritual, datando de Orígenes e passando por Atanásio de Alexandria, Evágrio Pôntico, João Cassiano, Diádico de Foticeia e Máximo, o Confessor [de tradição grega]” (LAFONTAINE, 2022, p. 83). E por Bernardo de Claraval, São Jerônimo, Agostinho e Santo Anselmo na tradição latina.

buscando sublinhar o erro. Enquanto isso, o mau espírito insufla prazeres que não permitem com que a pessoa reflita sua conduta. No caso “das pessoas que vão se purificando intensamente de seus pecados e subindo de bem a melhor no serviço de Deus nosso Senhor, acontece de modo contrário” (EE 315).

Nas catequeses é possível notar esta mesma composição dos três pensamentos na perspectiva da sétima e décima catequese sobre *a desolação e consolação autêntica*, respectivamente. Nestas, o Papa apresenta o contexto do discernimento do bom e do mau espírito de maneira direta, citando os *Exercícios Espirituais*;³² além disso, ressalta com palavras distintas a ação do mau espírito, que é apresentado da seguinte forma:

O estilo do inimigo - quando falamos inimigo, falamos do diabo, pois o demônio existe, está presente! -, seu estilo, nós sabemos, consiste em se apresentar de maneira sorrateira e disfarçada: começa a partir daquilo que nos é mais querido e depois, pouco a pouco, nos atrai para si; o mal entra secretamente, sem que a pessoa perceba. E, com o passar do tempo, a suavidade se torna dureza: o pensamento se revela pelo que realmente é (FRANCISCO, 2023, p. 49).

Por outro lado, na sétima catequese, o Pontífice aponta para ação do bom espírito diante do estado de tristeza, dizendo:

A mudança de uma vida orientada para o vício pode começar a partir de uma situação de tristeza, de remorso pelo que se fez. É deveras bonita a etimologia desta palavra, remorso: o remorso da consciência, todos nós conhecemos isso. Remorso: literalmente, é a consciência que morde, que não dá paz (FRANCISCO, 2023, p. 34).

Esta compreensão está intimamente ligada à ação do bom espírito na condição daquele que *vai de pecado mortal em pecado mortal*, pois Inácio de Loyola diz que: “nestas pessoas o bom espírito age picando e remordendo suas consciências pelo juízo da razão” (EE 314), isto é, o bom espírito desperta a consciência humana para a reflexão sobre suas ações. A utilização destes conceitos tão próximos, bem como a similaridade da compreensão antropológica apontam para a verificação da hipótese levantada anteriormente, ou seja, que as catequeses atualizam e ampliam o conteúdo das *regras do discernimento* de Inácio de Loyola para o contexto e o tempo do Papa Francisco.

³² “Se, nos pensamentos tudo é bom; o princípio, o meio e o fim, e se tudo está orientado para o bem, isso é um sinal do anjo bom. Por outro lado, pode ser que, no decurso dos pensamentos, se apresente algo mau, ou que distraia, ou menos bom do que aquilo que antes a alma se propusera a fazer, ou algo que debilite a alma, que a torne inquieta, que a ponha em agitação e lhe tire a paz, lhe tire a tranquilidade e a calma que antes tinha: então, isso é um sinal claro de que tais pensamentos vem do espírito maligno” (EE 333).

No interior da compreensão dos espíritos acontece o discernimento. Neste sentido, o discernimento no âmbito pessoal deve ser compreendido conforme o intencionado por Inácio de Loyola, pois este, fundamentalmente, se dirigia à configuração com Cristo. Por esta razão, ao longo das semanas dos *Exercícios* se contemplam as cenas evangélicas, de modo que a pessoa possa fazer a *eleição* por se configurar a Ele³³. Contudo, num segundo nível, os *Exercícios* também auxiliam na eleição dos estados de vida: Matrimônio e a Ordem³⁴. Além destas duas matérias, prestavam-se ainda ao discernimento de eleições mutáveis, ou seja, a aceitação de funções eclesiásticas e a disposição dos bens³⁵.

Todos estes elementos não são transpostos para o âmbito das catequeses, contudo, no interior da racionalidade da fé exposta nestas, Francisco atualiza e propõe o discernimento espiritual para a vida cotidiana. Neste sentido, tal afirmação é corroborada pelos convites realizados pelo Pontífice para que todos realizassem o Exame de Consciência, convite inaugurado na quarta catequese, *conhecer-se a si mesmo*³⁶ e retomado na sexta catequese cujo título é *o livro da própria vida*. Na décima catequese, sobre *a consolação autêntica*, Francisco acena para a importância do exame quando diz:

[...] Trata-se do precioso esforço de reler a experiência sob um ponto de vista particular. É importante compreender o que acontece, é sinal de que a graça de Deus age em nós, ajudando-nos a crescer em liberdade e consciência (FRANCISCO, 2023, p. 50).

Estas duas composições, ora da cosmovisão espiritual apresentada nas catequeses que remontam aos *Exercícios Espirituais*, ora da convocação de Francisco

³³ Na segunda semana dos *Exercícios*, após a contemplação da Encarnação e do Nascimento de Jesus são propostas algumas meditações que ultrapassam o contexto bíblico propriamente dito, são elas: a meditação das duas bandeiras (escolher entre o senhorio de Jesus ou o de Lúcifer), a meditação dos três tipos de pessoas (busca trabalhar a afeição desordenada às riquezas) e a meditação dos três modos de humildade (busca fazer com que o exercitante cresça na sua configuração a Cristo, escolhendo o que o próprio Cristo escolheu) (EE 136 - 168).

³⁴ Sobre a pertinência da modalidade do discernimento em Inácio, Lafontaine (2022, p. 95) diz: “contrariamente à maioria dos que elaboraram no passado uma doutrina do discernimento dos espíritos efetivamente reservada àqueles que já se encontravam comprometidos com uma vida consagrada e monástica, os Exercícios nos propõem um tipo de discernimento destinado a um público a um só tempo amplo e mais restrito, visto que se dirigem especialmente aos que desejam decidir, diante de Deus, a opção que determinará irrevogavelmente sua vida”.

³⁵ Neste sentido, o apartado dos *Exercícios Espirituais*, que trata da *Eleição*, encontra-se entre os números 169-189.

³⁶ “Fazer o exame de consciência, ou seja, o bom hábito de reler com calma o que acontece no nosso dia, aprendendo a observar, nas avaliações e escolhas, aquilo a que damos mais importância, o que procuramos e por quê, e o que afinal, encontramos. Aprendendo, sobretudo, a reconhecer o que sacia meu coração” (FRANCISCO, 2023, p. 25).

para auscultar o interior na disposição de ouvir o próprio coração e o Senhor, são elementos assimilados da tradição inaciana. Contudo, como dito, rerepresentados num *locus* diferente, o da cotidianidade e, o mais importante, a partir da assimilação do próprio Pontífice que as apresenta. Diante do exposto faz-se necessário aprofundar as influências teológicas e espirituais que conduziram Francisco a esta assimilação dos *Exercícios Espirituais* e, deste modo, buscar compreender os elementos teológicos dentro de seus círculos hermenêuticos precisos, isto é, a transmissão e as mãos pelas quais estes elementos foram transmitidos a Jorge Mario Bergoglio³⁷.

3.3. De Inácio de Loyola à Francisco: a transmissão da espiritualidade inaciana

A recepção inaciana de Francisco é *miscigenada* pelos mais de quatrocentos anos que os separam e por inúmeros elos que atam estas duas personalidades históricas. Por esta razão esta seção se concentrará em mostrar os elementos fundamentais da espiritualidade de Inácio de Loyola assumidos nas catequeses e que foram transfigurados e remodelados a partir da teologia contemporânea e da escola teológica e inaciana na qual o Papa foi formado.

Para compreender a transmissão da espiritualidade inaciana no itinerário de Francisco é necessário retomar o período de seus estudos de “Teologia no Colégio Máximo, entre 1967 e 1970, Bergoglio continua marcado pela obra de renovação da concepção inaciana levada adiante por seu professor de Filosofia, Padre Miguel Ángel Fiorito³⁸” (BORGHESI, 2018, p. 30).

O Padre Miguel Ángel Fiorito foi uma das grandes influências de Jorge Mario Bergoglio, especialmente naquilo que se refere à espiritualidade inaciana. Sobre a influência de Fiorito, Francisco afirmou:

Eu conheci Fiorito em 1961, voltando do meu juniorado no Chile. Ele era professor de Metafísica no Colégio Máximo de São José, a nossa casa de formação em *San Miguel*, na província de *Buenos Aires*. Desde então, comecei a me confidenciar a ele, ele se tornou o meu diretor espiritual. [...] Ele me inspirou muito. Foi lá que comecei a me familiarizar com alguns autores que me acompanham desde então: Guardini, Hugo Rahner, com o seu livro sobre a gênese histórica da

³⁷ Esta menção ao nome do Papa Francisco busca assinalar que estes conceitos e elementos já estavam bem assentados em seu ideário muito antes de assumir a Cátedra de Pedro, elementos que ficarão mais nítidos no decorrer de todo o capítulo.

³⁸ Miguel Ángel Fiorito (1916 - 2005) foi um religioso jesuíta argentino. Antes de ingressar na Companhia de Jesus ele era engenheiro de formação. Durante o período de formação do jovem Jorge Mario Bergoglio, Fiorito era professor de filosofia e decano da universidade. No entanto, no itinerário de Francisco, Fiorito será conhecido como o mestre da espiritualidade inaciana, que compartia com os estudantes.

espiritualidade de Santo Inácio, Fessard e a sua “Dialética dos Exercícios” (FRANCISCO, 2019, *online*).

O discipulado junto a Fiorito é uma marca profunda na assimilação do conteúdo da espiritualidade inaciana por parte do jovem Bergoglio. O pensamento de Fiorito era singular e tinha como escopo o retorno à espiritualidade de Inácio de Loyola e a sua assimilação no tempo presente, como afirma Ivereigh (2015, p. 131, *tradução nossa*): “o grupo de Fiorito levava muito a sério a ideia da *ressourcement*, isto é, uma renovação que implicava um retorno ao *carisma primitivo* dos primeiros jesuítas, adaptando-o aos tempos modernos.”

Tal compreensão revela muito do espírito da época da formação do jovem jesuíta Bergoglio, tal como o ideal do retorno às fontes propiciado pelo Concílio Vaticano II, especialmente o imperativo dado à vida religiosa com o Decreto *Perfectae caritatis* que estimula e impulsiona: “a conveniente renovação da vida religiosa [que] compreende não só o contínuo regresso às fontes de toda a vida cristã e à genuína inspiração dos Institutos, mas também a sua adaptação às novas condições dos tempos” (PC 2).

Além disso, é importante notar que a apropriação da espiritualidade inaciana por parte de Francisco decorre das influências de Fiorito, indicadas anteriormente com a menção dos autores Hugo Rahner e Gaston Fessard³⁹, na esfera jesuítica. O influxo da teologia de Gaston Fessard - cuja contribuição é mais pertinente para o objeto analisado - no pensamento do jovem Bergoglio e no pontificado de Francisco são atestadas por inúmeros pesquisadores. Por isso é indispensável conhecer os contornos do pensamento de Fessard e sua compreensão dos *Exercícios Espirituais* na ótica da dialética, pois a síntese do pensamento fessardiano concebida por Francisco encontra-se abundantemente nas catequeses sobre o discernimento.

O imperativo do trabalho teológico de Gaston Fessard era o de descobrir e discernir em todas as situações e circunstâncias a vontade de Deus, para que deste modo pudesse direcionar a vontade humana⁴⁰ para a consecução da vontade Divina. É possível afirmar categoricamente, diante do exposto até o momento, que esta é a

³⁹ Hugo Karl Erich Rahner (1900 - 1968) foi um teólogo jesuíta alemão, irmão mais velho de Karl Rahner. Hugo Rahner contribuiu vastamente para uma nova compreensão da obra de Inácio de Loyola no século XX. Gaston Fessard (1897 - 1978) foi um teólogo jesuíta francês que propôs a assimilação do método de Inácio de Loyola ao pensamento contemporâneo.

⁴⁰ Postulado intimamente dependente daquele exposto anteriormente no *Princípio e Fundamento* e que dá corpo a toda espiritualidade inaciana.

síntese do objetivo principal dos *Exercícios Espirituais* e, por sua vez, das catequeses de Francisco. No entanto, Fessard apontou a ideia de que:

O método inaciano poderia ser estendido a toda decisão que a liberdade quisesse tomar na história. Ele então realizou um esforço especulativo inigualável, cujo testemunho são os três volumes de *La dialectique des Exercices spirituels de Saint Ignace de Loyola* (1956, 1966, 1984), e *Le Mystère de la Société* (1948, 1996) para aplicá-lo à resolução de problemas da atualidade. Para tanto, não hesita em adotar a problemática e os métodos dos grandes pensadores modernos [especialmente a dialética], incluindo os adversários do cristianismo. Ele sabia que, na verdade, tinha que se confrontar com as mesmas questões deles, queria repensá-las em sua verdade e trazer-lhes as soluções da fé cristã (LOUZEAU, 2018, *online*).

Ao proporcionar o alargamento do discernimento, inerente aos *Exercícios Espirituais*, a toda realidade humana, Fessard inaugurou a compreensão da assimilação da complexidade na concretude existencial⁴¹. Isto é, a realidade humana não poderia ser apreendida de maneira idílica ou irênica, mas real, marcada pela tensão entre tudo aquilo que a perfaz. Esta mesma compreensão é levada por Francisco para o campo da eclesiologia e da autocompreensão eclesial, pois o jovem Bergoglio já entendia a vida eclesial como *coincidentia oppositorum*⁴², ou seja, a unidade dos opostos (BORGHESI; BUROCCHI, 2021).

A compreensão da *coincidentia oppositorum* herdada⁴³ Francisco provém da interpretação que Fessard realizou sobre o *Elogium sepulcrale S. Ignatii* e que foi parte importante de uma análise exposta por Fiorito em um artigo de 1957. Este elogio diz: “*non coacereri a maximo, contineri tamen a minimo, divinum est*⁴⁴”. A tradução é proposta da seguinte maneira: *não ser constrangido pelo que é maior, ser contido naquilo que é menor, isto é divino*. Assim, o elogio sepulcral capta: “o dinamismo fundamental da alma santa de Inácio, que busca sempre o ideal mais alto, Deus, e, no entanto,

⁴¹ Este elemento *fessardiano* foi recentemente exposto, indiretamente por Francisco, em sua Exortação Apostólica *C'est la confiance* (CC) por ocasião do 150º aniversário do nascimento de Santa Teresinha. Nesta, Francisco escreve: “A confiança que Teresinha fomenta não deve ser entendida apenas em referimento à própria santificação e salvação. Mas possui um sentido integral, que abraça o conjunto da existência concreta e aplica-se a toda a nossa vida, onde muitas vezes nos dominam os medos, o desejo de seguranças humanas, a necessidade de ter tudo sob controle” (CC 23).

⁴² O conceito será abordado em sua possível gênese segundo Massimo Borghesi, posteriormente, ele será retomado num sentido teológico mais amplo em diálogo com Amélia Podetti e Romano Guardini.

⁴³ A obra *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual* de Massimo Borghesi permite formular a seguinte linha do tempo do pensamento de Francisco: a influência imediata é a do Pe. Miguel Ángel Fiorito que, por sua vez, é muito influenciado por Henry de Lubac e Gaston Fessard, principalmente o último é um grande admirador da obra de Maurice Blondel.

⁴⁴ Retirada do texto *Teoría y práctica de G. Fessard*, escrito por Miguel Ángel Fiorito.

preocupa-se com os particulares menores do plano divino” (FIORITO apud BORGHESI, 2018, p. 36).

Quando entrevistado por Antonio Spadaro em 2013, Francisco retomou esta máxima inaciana e vinculou-a a sua concepção de governo da Igreja, dizendo: “esta máxima oferece os parâmetros para assumir uma posição correcta [*sic*] para o discernimento, para escutar as coisas de Deus a partir de seu *ponto de vista*” (SPADARO, 2013, *online*). Deste modo, o ser humano situado na história vê-se tensionado por tudo aquilo que envolve-o. Diante da metáfora do pequeno e do grande, cada indivíduo, segundo o Papa, deve mover-se de modo que não anseie por nenhum dos polos, mas viva a tensão existente, vivendo assim a *magnanimidade*.

Decorre destes elementos inacianos apresentados acima a apreensão da polaridade como parte importante de seu construto teológico; é justo mencionar que numa perspectiva ainda incipiente e que ganhará novos contornos no seu encontro com a teologia de Romano Guardini. Contudo, antes de avançar nessa compreensão fundamental, para entender o conceito e as implicações do discernimento, expresso por Francisco nas catequeses, urge uma última nota sobre outra herança jesuítica contemporânea.

Na esteira dos textos de Fessard lidos pelo jovem Bergoglio, outra influência será determinante para sua autocompreensão da Companhia de Jesus e da própria espiritualidade inaciana: a *tensão bipolar* compreendida na própria esfera da Companhia. Esta tensão bipolar⁴⁵ emerge da relação entre a graça de Deus e a liberdade humana, a partir da leitura da seguinte sentença recuperada pelo jesuíta Gabriel Hevenesi em 1705: “tem confiança em Deus, de forma que o sucesso das coisas dependa de ti e não de Deus. Porém, esforça-te como se tu nada fizesses, mas Deus fizesse tudo sozinho⁴⁶” (CRUMBACH apud BORGHESI, 2018, p. 39).

⁴⁵ Borghesi afirma que o pensamento dialético sobre a tensão polar, na formação de Bergoglio, inicialmente foi captado no interior da própria Companhia de Jesus e das reflexões de Fessard. “O primeiro germen do pensamento da ‘polaridade dialética’, que constitui o núcleo do pensamento de Jorge Mario Bergoglio, forma-se, portanto, na década de 1960” (BORGHESI, 2018, p. 38). Por sua vez, Romano Guardini que é estudado por Bergoglio a partir de 1986 “representa uma descoberta de Bergoglio, quando o seu pensamento dialético já está estruturado. De qualquer modo [...] representa a confirmação e, ao mesmo tempo, o enriquecimento de uma posição” (BORGHESI, 2018, p. 110).

⁴⁶ De Fessard decorre uma profunda crítica ao achatamento da sentença que futuramente passou a ser dita da seguinte maneira: “tem confiança em Deus como se tu não fizesses nada e Ele tudo; esforça-te, porém, para que o sucesso das coisas empreendidas dependa de ti e não de Deus.” Pois na visão exposta em seu livro esta fórmula tirava o contexto de tensão e exilava o divino numa esfera desconexa do humano, proposição contrária à espiritualidade inaciana. (BORGHESI, 2018).

A fórmula citada compreende uma importante interação entre Deus e o ser humano, mencionada anteriormente no apartado sobre o *Princípio e Fundamento*, entretanto inserida nas complexas tramas filosóficas e teológicas da contemporaneidade. A relação entre liberdade humana e graça divina, orientada pelo anseio de que a primeira concorra para a consecução da segunda, como afirmado acima, não tem linhas claras e nítidas, mas vigora numa profunda dialética.

A compreensão da liberdade humana e da graça divina, na ótica do adágio inaciano pressupõe a ação imanente na tensão de sua impotência. De modo semelhante, a confiança na ação de Deus é pautada na assimilação de que é necessário agir na imanência como se nada dependesse de Deus. Esta intrincada relação dialética é fundamental para Francisco e pauta o seu pensamento sobre o discernimento.

Este dinamismo dialético integra o discernimento como condição indispensável para o humano deter-se sobre si mesmo e na sua relação com Deus. Neste sentido, *a coincidência oppositorum* é uma constatação implícita à própria condição humana. Numa rápida anamnese dos elementos constitutivos dos *Exercícios Espirituais* e das catequeses de Francisco saltam aos olhos as oposições: humano e divino, bom e mau espírito, consolação e desolação, passado e futuro, sujeito e comunidade, entre outros. O oposto compõe o *kosmos* humano, o diferente e o oposto não se anulam, mas estão presentes na realidade.

Por isso, Francisco afirma que: “a Companhia [de Jesus] é uma instituição em tensão, sempre radicalmente em tensão. O jesuíta é um descentrado de si próprio. A Companhia é descentrada de si mesma: o seu centro é Cristo e a sua Igreja” (SPADARO, 2013, *online*). É no interior desta tensão, dialética e descentrada, que Francisco compreende a Igreja e o ser humano, numa perspectiva integral, nos dias atuais e sua urgente missão de conciliar opostos e discernir de modo verdadeiramente humano.

Levando em consideração toda a recuperação histórica e as influências de Fiorito e Fessard, chega-se à conclusão de que a espiritualidade inaciana, recebida pelo Papa Francisco, compõe-se do imperativo de retorno às fontes inacianas e da compreensão da tensão existente nesta mesma espiritualidade. Por sua vez, o elemento da tensão, entendido numa compreensão dialética, tem como orientação a mística e não a superação e anulação recíproca, marca indelével e radical nos fundamentos teológicos do Pontífice. No solo da mística

Os dois polos, Deus e o homem, interagem na forma do Mistério que une e distingue ao mesmo tempo, graça e liberdade. A vida cristã é tensão, drama, pergunta contínua a Deus e também esforço incansável para o mundo, cruz e ressurreição. Aqui nasce a ideia de um pensamento que *tensiona*, como dirá Bergoglio, não ideológico, não cristalizado em fórmulas abstratas, mas voltado, sempre, a buscar o *magis* de Deus, a abertura de Deus dentro da imanência do mundo (BORGHESI, 2018, p. 43).

3.4. Outros aspectos antropológicos e teológicos subjacentes ao discernimento no pensamento de Francisco

A tensão como elemento teológico, evidenciada no apartado anterior não ficou restrita ao campo de domínio da Companhia de Jesus somente, pois Bergoglio ocupou-se dela em outros momentos de sua trajetória acadêmica e em diálogo com outros autores e situações. Por isso, nesta seção serão abordados dois contextos vitais nos quais o estudo da tensão polar ganhou novo vigor e novos interlocutores, sendo eles: *Romano Guardini*⁴⁷ e a *Teologia do Povo*.

“O Guardini *filósofo* representa uma descoberta de Bergoglio, quando seu pensamento dialético já está estruturado” (BORGHESI, 2018, p. 111). Francisco relata que antes dos estudos para o doutorado em 1986 - isto é, mais de vinte anos dos episódios elencados acima com a escola de Fiorito e a leitura de Fessard - ele já havia lido os livros espirituais de Guardini. Entretanto foi o livro *A oposição polar* (1925) que desempenhou um forte magnetismo no pensamento de Francisco, pois como ele mesmo afirmou:

[Guardini] falava de uma oposição polar em que os dois opostos não se anulam. Nem acontece que um polo destrua o outro. Não existe contradição nem identidade. Para ele a oposição se resolve num plano superior. Naquela solução, porém, permanece a tensão polar. A tensão permanece, não se anula. Não é negando-os que se superam os limites. As oposições ajudam. A vida humana é estruturada de forma opositiva. E é o que acontece agora também na Igreja (FRANCISCO apud BORGHESI, 2018, p. 114).

Desse modo, observa-se que as tensões que constituíram toda herança inaciana legada por Francisco pelas mãos de Fiorito e Fessard ganham um estatuto antropológico no conceito guardiniano de tensão polar. Por sua vez, Guardini, ao referir-se

⁴⁷ Romano Guardini (1885 - 1968) - foi um filósofo ítalo-alemão que influenciou profundamente o pensamento teológico com sua arguta reflexão antropológica. Além disso, estudou profundamente teologia em sua interação com a literatura e a contemporaneidade. Guardini é reconhecido por ter influenciado tanto Joseph Ratzinger quanto Jorge Mario Bergoglio.

à tensão polar, tem como pressuposto o humano concreto⁴⁸, isto é, aquele que havia sido solapado pela Primeira Guerra Mundial e encontrava-se em meio ao ódio e a absolutização. Diante de tal cenário, Guardini concebe a necessária conciliação entre os opostos como caminho para a humanidade e sua solidariedade, chegando à gênese, segundo Francisco, do conceito de povo como capaz de transcender as oposições contemporâneas.

Este último elemento evidenciado no pensamento de Guardini obriga a continuidade desta reflexão à uma breve alusão sobre a *Teologia do Povo*, como parte integrante dos fundamentos teológicos do atual Pontífice. Não que Guardini e a corrente teológica argentina tenham conexões claras, nem entre elas mesmas nem com o conjunto dos estudos sobre a espiritualidade inaciana, mas porque todos estes aspectos conformam o modo com o qual Francisco opera teologicamente. Estes vários fundamentos teológicos possuem um sentido ordenado numa sistematização única, expressa, a seu modo, no magistério de Francisco.

Da corrente teológica argentina, emergem incontáveis fatores e proposições pertinentes ao conhecimento dos fundamentos teológicos de Francisco.⁴⁹ Entretanto, serão tratados aqui os fatores que complementam e corroboram a análise da tensão polar, em especial, certa conciliação realizada ao redor do conceito de povo e a definição do *locus theologicus* do Pontífice.

A *Teologia do Povo* desenvolveu-se na América Latina, mais particularmente na Argentina, após o impulso teológico decorrente do *Concílio Vaticano II* e de sua assimilação local em Medellín (1968) e Puebla (1979). Segundo Scannone⁵⁰, a *Teologia do Povo*,⁵¹ desenvolvida na Argentina, constitui-se como uma vertente da *Teologia da Libertação*, isenta da mediação analítica marxista para a compreensão da

⁴⁸ Além desta menção explícita à Guardini, Francisco em seu magistério faz menções explícitas a pensadores franceses que ressaltam a dimensão da concretude numa perspectiva antropológica e filosófica; são eles: Gabriel Marcel na *Amoris Laetitia* (2016) e Paul Ricoeur na *Fratelli Tutti* (2020).

⁴⁹ A gênese e o percurso da *Teologia do Povo* não serão abordados por causa do objeto material do trabalho que não permite tal incursão, entretanto as obras: *A teologia do Povo: raízes teológicas do Papa Francisco* de Juan Carlos Scannone e, *A relação entre antropologia e teologia em perspectiva libertadora* de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves que embasam esta seção, realizam de maneira extraordinária tal intento.

⁵⁰ Juan Carlos Scannone (1931 - 2019) foi um teólogo ítalo-argentino jesuíta e que cunhou a definição da *Teologia do Povo* como a forma argentina da *Teologia da Libertação*. Além disso, Scannone foi professor do Papa Francisco e editou muitas obras tentando esclarecer as raízes teológicas do Pontífice.

⁵¹ A *Teologia do Povo* justifica-se como uma vertente da *Teologia da Libertação* pelo “fato de que essa relação é uma realidade no referido complexo teológico, que desde a sua formulação originária, elaborada por Gustavo Gutiérrez em 1971, não foi unívoca e possibilitou um pluralismo teológico enquanto

realidade (SCANNONE, 2019). Além disso, para o mesmo autor, esta não se encontra totalmente sistematizada, mas com seus alicerces fincados na constatação de que a cultura, a religiosidade popular e a vida vivida do povo são os seus lugares teológicos por excelência. Nos dizeres de Scannone (2019, p. 100): “a teologia do povo [...] privilegia a análise socioestrutural, para interpretar e discernir de maneira crítica, à luz da Palavra de Deus a situação de um povo particular e da comunidade dos povos num momento histórico determinado”.

Deste modo é possível inferir que a *Teologia do Povo* realiza uma mudança paradigmática, fazendo com que os conceitos *povo* e a *cultura* passem a ser o próprio lugar teológico do qual a Palavra de Deus provém em sua forma sapiencial e penetra pela ação do Espírito. É no conceito de *povo*, cuja construção teológica assume características bíblicas, exegéticas e hermenêuticas profundas, que a teologia argentina ofertará, à reflexão do Pontífice, um *locus theologicus* capaz de compreender todos os aspectos da tensão polar de forma que a unidade prevaleça sobre o conflito e que as mais variadas formas da realidade sejam assentadas nas muitas faces, como num *poliedro*.

Por isso é possível afirmar que a vasta extensão do pensamento teológico de Francisco concilia-se na compreensão de que a unidade dos opostos, as tensões polares e a herança inaciana estão intimamente ligadas à assimilação do contexto vital do *povo fiel de Deus*. É na realidade da concretude humana em seu caráter unitivo que todos estes elementos ganham unidade e podem ser compreendidos teologicamente; por isso em sua exortação apostólica, *Evangelii Gaudium*, Francisco irá expor o seu modo de fazer e entender a teologia com os quatro princípios polares e o modelo poliédrico para a compreensão da realidade. Estes pontos serão brevemente abordados para manifestar a comunhão entre os elementos expostos anteriormente e as exigências do modelo teológico de Francisco.

3.4.1. Os princípios polares de Francisco

De Guardini, segundo Borghesi, Francisco lapida os quatro princípios polares que são o mote de todo seu pontificado; mote este que reúne características ímpares

complexo teórico libertador. Neste sentido, tendo surgido a partir da *theologia mundi* do Concílio Vaticano II e do espírito de uma teologia contextual presente na II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, a teologia do povo, que pode ser considerada como uma forma de teologia da libertação, articula a antropologia com a teologia para constituir-se como complexo teórico da fé cristã” (GONÇALVES, 2020, p. 95).

de todos os elementos expostos até o momento; são eles: *o tempo é superior ao espaço* (EG 222 - 225), *a unidade prevalece sobre o conflito* (226 - 230), *a realidade é mais importante do que a ideia* (231 - 233) e *o todo é superior à parte* (234 - 237)⁵².

Da oposição polar categorial *plenitude/limite* de Guardini emergem dois princípios polares de Francisco, são eles: *o tempo é superior ao espaço* e *a unidade prevalece sobre o conflito*. Com a primeira é declarada a necessidade de se estabelecerem processos para a transformação da realidade, isto é, vencer a ansiedade e a dominação em vista da construção de situações claras e tenazes (EG 223). Dentro deste postulado a teologia do Papa Francisco concebe o *modus operandi* do discernimento que preza por processos de profunda assimilação, como dito na catequese sobre o *desejo* e não pela realização da *vontade do momento*.

Por sua vez, o segundo princípio, *a unidade prevalece sobre o conflito*, floresce como um bálsamo para a compreensão da sociedade hodierna marcada pelo conflito polarizado e identificado pelo imperativo da eliminação do diferente. Para Francisco o conflito deve ser aceito em vista da construção da unidade⁵³. Ou seja, admitisse a pluralidade e a diferença que geram conflitos para que a unidade seja alcançada e instaurada (EG 227). Assim, cada conflito é transformado em elo de um novo processo, tal compreensão aproxima-se muito do movimento que Francisco afirma diante da tristeza nas catequese, é necessário aprender a ler aquilo que muitas vezes tende-se a rejeitar para criar um novo processo (FRANCISCO, 2023). Os processos por sua vez devem conduzir a situações de integração no caso da tristeza nas catequese e, de unidade, no caso do princípio polar.

O terceiro princípio de Francisco está intimamente ligado aos anteriores e os ratifica; entretanto, decorre da oposição entre realidade e ideia⁵⁴. Francisco afirma que

⁵² Scannone apresenta uma linha histórica dos princípios polares e de como eles foram inicialmente e parcialmente enunciados por Francisco desde 1974 na 14ª Congregação Provincial da Província jesuíta da Argentina e de sua pertença original a uma carta de Juan Manuel de Rosas a Facundo Quiroga em 1834 (SCANNONE, 2019). Por isso, na intenção de conciliar Scannone e Borghesi, assume-se no trabalho que a influência de Guardini possibilitou que Francisco lapidasse os conceitos que já intuía antes mesmo da leitura de Guardini.

⁵³ Isto quer dizer que o conflito não pode ser aceito como o motor da história, como acontece a partir de perspectivas dialéticas imanentes. Mas deve ser orientado à construção da unidade. Neste princípio “se encontra o fundamento último da ‘cultura do encontro’ que ele [Francisco] deseja realizar sem ignorar a realidade do conflito” (SCANNONE, 2019, p. 214).

⁵⁴ Sobre a decorrência deste princípio de um par polar de Romano Guardini há uma série de apreensões distintas, pois autores atribuem à Romano Guardini a tensão polar entre ideia/realidade (GOLÇALVES; ROSSI, 2023) enquanto Borghesi (2018, p. 123) afirma que “de *per se*, esta tensão não está presente na tabela dos opostos de Guardini. Podemos encontrar certa analogia no terceiro par dos

a realidade é mais importante que a ideia de forma que nenhum idealismo pode desconsiderar a realidade humana que se apresenta⁵⁵. Este princípio está patente e subjaz às catequeses sobre o discernimento, pois a assimilação da realidade e da situação concreta são pressupostos para o exercício do discernimento. Isto pode ser constatado nas catequeses sobre *Inácio de Loyola, o conhecer-se a si mesmo, o livro da própria vida e aquela: Por que estamos desolados?*⁵⁶ Em todas estas catequeses Francisco aponta para a urgência de tatear a realidade para que a matéria discernida seja compreendida, seja ela o próprio sujeito como aquilo que o circunda.

O princípio da realidade pode ser entendido como aquele que sustenta todos os demais por não permitir “a redução a um só aspecto da realidade ou à sua absolutização” (SCANNONE, 2019, p. 26), mas exigindo que a realidade seja tomada como ponto de partida para qualquer ação ou entendimento. Este princípio decorre de uma coerente compreensão do mistério da Encarnação e, por este mesmo motivo, exige dos sujeitos e da própria comunidade eclesial a fidelidade a Jesus Cristo e à História da Salvação que se uniu intimamente à realidade humana.

O último princípio de Francisco retoma uma oposição polar intraempírica de Guardini, sendo ela a da individualidade/totalidade. Diante da tensão cunhada por Francisco entre a globalização e a localização, ele próprio afirma que *o todo é superior à parte ou a soma destas* (EG 237). Este princípio polar será o que mais plasticamente ajuda a entender a grande complexidade da teologia exposta por Francisco, pois diante da globalização extrema, Francisco apontará o risco da dissolução do local e do particular, ao mesmo tempo que afirma não ser razoável “refugiar-nos no local e fechar-nos ao global” (BORGHESI, 2018, p. 124). É necessário unir todas as faces deste complexo panorama para não cair num extremo. Daí decorre a imagem do poliedro como forma geométrica por excelência do cristianismo, pois este “reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade” (EG 236).

opostos transempíricos contido em *Der Gegensatz: o de Immanenz-Transzendenz* [imanência/transcendência].

⁵⁵ Este princípio polar possui muita intimidade com a *Teologia do Povo* que toma como *locus theologicus* a cultura, isto é, o tecido da realidade popular como espaço privilegiado da operação teológica. Neste sentido, Scannone oferece uma profunda compreensão da realidade como lugar hermenêutico e lugar teológico referindo-se à Ignacio Ellacuría que “sublinha outro ponto importante que põe em relação o lugar teológico no sentido estrito com o seu sentido mais amplo de lugar hermenêutico. Trata-se do ato de que um lugar hermenêutico determinado, por exemplo, a opção pelos pobres, faz com que os lugares teológicos - inclusive a Escritura - deem mais deles mesmos segundo o lugar a partir do qual são acolhidos e vividos” (SCANNONE, 2019, p. 71).

⁵⁶ Segunda, quarta, sexta e oitava catequeses, respectivamente.

A imagem do poliedro é um modelo teológico sintético dos princípios polares e oferece-se, ao mesmo tempo, como modelo para a sociedade⁵⁷. Pois na dinâmica poliédrica as várias faces desta figura geométrica são distintas e conservam a peculiaridade e singularidade em extrema unidade. Numa aplicação mais prática do modelo poliédrico, “a sociedade se torna inclusiva, contendo todas as partes que a constituem, de modo que se extinga o abismo entre ricos e pobres e se edifique uma sociedade justa, solidária e fraterna” (GONÇALVES, 2018, p. 383). Nesta aplicação, vê-se de maneira clara e distinta a presença de todos princípios elencados acima.

O princípio *o todo é superior à parte ou a soma destas* também está presente no movimento realizado pelas catequeses sobre o discernimento em vários desdobramentos, sendo necessário apontar ao menos dois: a complexidade da realidade e o risco de desperdiçar a vida levando adiante escolhas parciais, como trabalhado na catequese sobre as *ajudas que facilitam o discernimento*; e os critérios necessários para diferenciar uma verdadeira consolação, sendo ela guiada por ações totalmente boas no início, no meio e no fim de cada busca humana; estes critérios foram apresentados na catequese sobre *a consolação autêntica*.

Deste modo, compreendidos os eixos norteadores da teologia - e ao mesmo tempo da pastoral - do Papa Francisco, evidenciados nos *princípios polares*, faz-se possível assimilar o conteúdo catequético de maneira mais profunda, fazendo com que os elementos da Sagrada Escritura e da Sagrada Tradição ali mencionados sejam realçados pelos intrincados conceitos teológicos que o subjazem.

3.5. Considerações finais

Este capítulo buscou apresentar uma linha coerente dos fundamentos teológicos do Papa Francisco, à luz dos elementos encontrados nas catequeses sobre o discernimento e alguns outros aspectos importantes para a compreensão deles. Por isso, foram considerados pontos de partida obrigatórios: a espiritualidade inaciana, a transmissão desta até Francisco; Romano Guardini e a Teologia do Povo. Outros ele-

⁵⁷ Scannone oferece uma compreensão da realidade poliédrica assimilada na realidade do conceito *povo e*, lançando mão até do conceito cristológico da *communicatio idiomatum* que refere-se a união da humanidade e da divindade em Jesus, quando diz que na comunidade há “um serviço no qual todos os membros da comunidade podem e devem participar ativamente numa espécie de *communicatio idiomatum* ou de comunicação de funções sem que a especificidade de cada um desapareça por isso” (SCANNONE, 2019, p. 110).

mentos variados compõem o vasto e complexo repertório teológico de Francisco; contudo, não emanavam das indicações oferecidas nas catequeses e evidenciadas no primeiro capítulo, por isso, não foram abordadas aqui.

Por sua vez, a linguagem teológica de Francisco e seu modo muito coloquial - particularmente familiar - utilizado nas catequeses, tornando o conteúdo teológico próximo ao vocabulário corriqueiro, desvelou-se como um ponto instigante e desafiador. Instigante por tornar a teologia mais simples, assimilável pela grande maioria; desafiador por esconder, nas entrelinhas, os intrincados conceitos e pensamentos teológicos trabalhados acima.

Por conta dessa peculiaridade linguística constatada até o presente momento, proceder-se-á de modo que os elementos das catequeses, analisados na primeira parte do trabalho, sejam refratados no prisma dos fundamentos teológicos expostos neste capítulo e expressem toda sua força teológica e pastoral. Como a luz branca que atravessa o prisma gera o arco-íris, que estava totalmente presente na luz branca inicial, assim as catequeses sobre o discernimento serão apresentadas em todos os seus matizes e referências às Escrituras e a Tradição, desta vez, iluminados pelo fazer teológico de Francisco contemplado neste capítulo.

4. A ESCRITURA E A TRADIÇÃO CONTIDAS NAS CATEQUESES DO DISCERNIMENTO À LUZ DOS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS

4.1. Introdução

A exposição do trabalho, até este momento, contou com um capítulo versando sobre o conteúdo das catequeses e outro buscando detalhar os fundamentos teológicos expostos, de maneira direta ou indireta, ao longo dos pronunciamentos papais. Além disso, o segundo capítulo buscou retornar a aspectos importantes da teologia herdada e assumida por Jorge Mario Bergoglio; teologia esta que se tornou norteadora do magistério atual, como também atestado no capítulo precedente.

Dado este encontro propiciado pelos capítulos anteriores, o presente capítulo busca delinear a forma pela qual o Papa Francisco assumiu e interpretou elementos da Sagrada Escritura e da Tradição nas catequeses sobre o discernimento. É importante tomar como pressuposto que os elementos, que serão analisados abaixo, possuem uma carga teológica orientada pelos fundamentos teológicos do capítulo anterior.

Por isso, aquilo que será apresentado abaixo compõe o *auditus fidei* de Francisco em movimento de decifração hermenêutica, isto é, como o Pontífice assimila a realidade das Sagradas Escrituras e da Tradição. Por sua vez, esta forma precisa de assumir e de oferecer o conteúdo teológico por meio das catequeses pressupõe a espiritualidade inaciana, a *Teologia do Povo* e as *tensões polares* apresentadas no capítulo anterior. Somente por meio destas categorias e correntes é possível compreender o *intellectus fidei* do sucessor de Pedro. As fontes do pensamento de Francisco são as ferramentas pelas quais ele “tira coisas novas e velhas de seu tesouro” (Mt 13, 52); pelos instrumentais e mediações apresentadas anteriormente, os elementos abaixo são transfigurados para dar sentido e orientação para os dilemas atuais.

Antes de expor o conteúdo capitular, faz-se necessário explicar o motivo do recorte epistemológico empreendido. Por razões estruturais, optou-se, neste capítulo, por analisar mais detalhadamente duas fontes inferidas diretamente do objeto analisado: o evangelho de Mt 13, 44-48 e a tradição agostiniana. Seria possível, por exemplo, estudar a influência de Santo Tomás de Aquino diante dos postulados inacianos e dos conceitos de inteligência e vontade, entre outros fundamentos constatados na leitura e apresentação das catequeses. Contudo, o recorte proposto evidencia de maneira objetiva a concepção do discernimento em Francisco e seus postulados mais

fundamentais, criando, deste modo, uma unidade intrínseca que não poderia ser so-lapada pela apresentação menos aprofundada dos demais textos bíblicos e autores da Tradição.

4.2. As Sagradas Escrituras

Francisco, ao longo das catequese sobre o discernimento, aborda e aponta vários textos bíblicos, tanto do Novo quanto do Antigo Testamento. Há, sem sombra de dúvidas, uma preponderância para os textos Evangélicos e para as Cartas Paulinas; o Pontífice, no entanto, também retoma a imagem da Criação em Gn 1-3, salmos e ensinamentos sapienciais, bem como a imagem da brisa suave, da experiência te-ofânica de Elias no Horeb em 1Rs 19, 11-12, entre outros, mais propriamente detalhados ao longo do primeiro capítulo.

Em um número considerável destas menções bíblicas, Francisco apresenta uma compreensão pastoral e/ou espiritual de cada texto abordado. É válido recordar que as Audiências Gerais possuem este cunho instrutivo, catequético e pastoral. Um exemplo muito claro desta apreensão bíblica é dado na décima segunda catequese. Nesta, Francisco toma Mt 12, 43-45⁵⁸ como imagem significativa do que pode acontecer com aquele que, no processo de discernimento, deixa de vigiar sobre os passos dados. Como consequência de tal inação “como ouvimos na passagem do Evangelho que foi lida, o risco existe. O risco existe, e é o que o desmancha-prazeres, ou seja, o maligno, possa arruinar tudo, fazendo-nos voltar ao ponto de partida, aliás, a uma condição pior” (FRANCISCO, 2023, p. 55).

Dando continuidade ao exposto, Francisco aponta que a imagem da casa arrumada pode ser entendida como metáfora para uma ideia de segurança demasiada em si mesmo, ou ainda, o mau orgulho que deixa de esperar no Senhor para esperar apenas nas próprias forças e competências. Desta compreensão imediata decorre o ensinamento da humildade e da vigilância, importantíssimas para alcançar o discernimento real, objetivo central do conjunto das catequese.

⁵⁸ “Quando o espírito impuro sai do homem, perambula por lugares áridos, procurando repouso, mas não o encontra. Então diz: ‘Voltarei para a minha casa, de onde saí’. Chegando lá encontra-a desocupada, varrida e arrumada. Diante disso, vai e toma consigo outros sete espíritos piores do que ele, e vêm habitar aí. E com isso, a condição final daquele homem torna-se pior do que antes. Eis o que acontecerá a esta geração má.” Este texto bíblico foi lido em diversas línguas na Audiência Geral antes da reflexão realizada pelo Papa.

Neste sentido, a exposição bíblica, realizada pelo Pontífice, corrobora com a apreensão de Antonio Spadaro que diz:

A linguagem de Francisco não é especulativa, mas missionária, tão atenta ao interlocutor quanto à mensagem, que é proferida não para ser ‘estudada’, mas para ser ‘ouvida’, alcançando logo cada um que o ouça de modo que reaja. Na realidade, mais que ‘comunicar’ ele cria ‘eventos comunicativos’, aos quais quem recebe sua mensagem participa ativamente (SPADARO apud BORGHESI, 2018, p. 212).

O espaço das Audiências Gerais propicia este ambiente no qual o conteúdo apresentado tenha a característica existencial mais patente do que a mensagem instrutiva, ou ainda, teologicamente acadêmica. Não obstante a constatação de que a mensagem proferida por Francisco seja existencial, ela também apresenta elementos exegéticos e de extrema reflexão teológica. Mostrando, assim, que a simplicidade do discurso de Francisco baseia-se “na complexidade de um pensamento profundo e original” (BORGHESI, 2018, p. 212).

4.2.1. Catequese e Sagradas Escrituras: análise de Mt 14, 44-48

Neste sentido, é necessário tomar, uma vez mais, o texto apresentado na primeira catequese e analisá-lo no círculo hermenêutico proposto pelo próprio Santo Padre:

O Reino dos Céus é semelhante ao tesouro escondido num campo; um homem o acha e torna a esconder e, na sua alegria, vai, vende tudo o que possui e compra aquele campo. O Reino dos Céus é ainda semelhante ao negociante que anda em busca de pérolas finas. Ao achar uma pérola de grande valor, vai, vende tudo o que possui e a compra. O Reino dos Céus é ainda semelhante à rede lançada ao mar, que apanha de tudo. Quando está cheia, puxam-na para a praia e, sentados, juntam o que é bom em vasilhas, mas o que não presta, deitam fora. (Mt 13, 44-48)

Francisco apresenta a parábola evangélica de Mateus deixando evidente que Jesus fala, sobre o discernimento, com “imagens tiradas da vida comum” (FRANCISCO, 2023, p. 09). Para isso, faz menção ao inesperado e ao não programado, situações nas quais a decisão acertada e o discernimento são fundamentais. Na interpretação conduzida por Francisco, a conclusão das parábolas do Reino em Mateus (13, 44-48) revela a importância de saber escolher diante do imprevisto e do inusitado.

Na esteira da exposição, Francisco acena para a questão individual e pessoal da escolha⁵⁹. Não são os conselheiros ou amigos que deliberam por cada sujeito humano; a responsabilidade desta escolha é única e intransferível daquele que, vivendo a própria realidade, escolhe.⁶⁰ As personagens das parábolas cumprem a função exortativa de representar a vida humana e sua profunda tensão pela escolha acertada. Por isso, as figuras trazidas no texto: o ser humano, o mercador e o pescador são profundamente interpelativas.

Por sua vez, o Santo Padre acrescenta que a perícope *mateana* possui outro elemento importantíssimo para a reflexão sobre o discernimento: os afetos. As escolhas não se guiam somente no campo de uma racionalidade isenta daquilo que é propriamente humano, isto é, o sentir. Na primeira catequese o entendimento dos afetos é imperioso para o discernimento. Por esta razão, Francisco retoma a parábola do tesouro escondido, em sua segunda catequese: “Um homem que lavra um campo se depara acidentalmente com um tesouro enterrado. [...] o importante é que ele reconhece como o golpe de sorte de sua vida e decide conseqüentemente: vende tudo e compra aquele campo” (FRANCISCO, 2023, p. 16).

Como ficará evidente, o Santo Padre imprime uma reflexão bíblica, exegética e teológica que busca extrair do texto o caráter ontológico subjacente. A parábola bíblica fala da condição humana em relação com a irrupção do amor divino, o Reino dos Céus. Suas linhas tratam de uma questão fundamental: o encontro com o Senhor. Optar pelo Reino é deixar-se afetar por esta realidade transformadora. Por isso, o sujeito da ação, além de discernir, vê-se motivado a uma revalorização de seus padrões de vida; por isso a venda de tudo aquilo que lhe parecia importante e que, diante deste novo encontro, parece-lhe menos valioso.

Contudo, na perspectiva escolhida, por Francisco, para embasar a compreensão do discernimento, o fato mais importante não é o valor do tesouro ou, no caso da

⁵⁹ O contexto bíblico da perícope em Mateus sugere que Jesus havia deixado o âmbito das parábolas dirigidas às multidões, característico das primeiras parábolas do Reino, contidas no capítulo 13, para explicar as parábolas aos seus discípulos. Nesta situação específica, de Jesus com os seus, são inseridas as parábolas do tesouro, da pérola e dos peixes. (MASCILONGO, LANDI, 2022).

⁶⁰ Francisco tece uma pequena reflexão sobre a qualidade da ação de cada sujeito das parábolas, dizendo: “Para desempenhar sua profissão da melhor forma, o pescador tem em consideração o cansaço, as longas noites passadas no mar, e, além disso, descarta uma parte da pesca, aceitando uma perda do lucro para o bem daqueles a quem se destina. O mercador de pérolas não hesita em gastar tudo para comprar aquela pérola; e o homem que se deparou com um tesouro faz o mesmo” (FRANCISCO, 2023, p. 9). Extrapolando a análise exegética, Francisco assume a tensão existencial das personagens apresentadas no texto evangélico.

parábola seguinte, a preciosidade da pérola. Estes elementos figurativos querem dar ênfase ao impacto que o encontro causa no sujeito⁶¹. Por isso, o eixo central da perícope não é a ação daqueles que vendem tudo para acessar aquilo que desejam⁶², mas o encontro, o momento irradiador de toda a parábola, que, como ressaltado no versículo 44, é o gerador de uma grande alegria, um catalisador dos afetos, como evidencia Francisco em sua catequese.

A partir destas inferências hermenêuticas decorre a interpretação feita pelo Papa que diz:

Quem encontrou o tesouro não tem dificuldade de vender tudo, tão grande é a sua alegria. O termo usado pelo evangelista Mateus indica uma alegria totalmente especial, que nenhuma realidade humana pode dar; e, com efeito, repete-se em pouquíssimas outras passagens do Evangelho, todas elas relativas ao encontro com Deus (FRANCISCO, 2023, p. 10)

Esta citação apresenta um claro movimento exegético dentro da catequese. Francisco, além de identificar a palavra precisa que foi traduzida por “alegria”, realiza um posterior exercício hermenêutico e exegético de compreendê-la, numa analogia com suas outras ocorrências no mesmo Evangelho. O termo utilizado nesta perícope e que foi traduzido por “alegria”⁶³ é o substantivo grego *χαρᾶς*⁶⁴. Somente a partir do encontro com algo inestimável e inesperado, isto é, um tesouro escondido no campo,⁶⁵ que se instaura um estado de alegria no sujeito da parábola evangélica. A reflexão realizada por Francisco confirma esta característica do encontro que lhe possibilita uma ação objetiva: desfazer-se de todos os seus bens para adquirir aquele campo e, por conseguinte, o tesouro.

No *corpus mateano* este mesmo termo *χαρά* é encontrado outras duas vezes, conforme o próprio Papa Francisco identifica em sua catequese:

⁶¹ A análise semiótica sobre Mateus 13, 44 acrescenta que as figuras do tesouro e da pérola possuem uma função clara de conduzir, aquele que recebe a mensagem, a aderir ao Reino, quando diz: “esse Reino é figurativizado como um tesouro escondido. Tal figura demonstra o objetivo do enunciador de levar o enunciatário a desejar o Reino dos Céus, a ponto de renunciar aos tesouros desse mundo em prol do divino” (BALANIUC, 2022, p. 25)

⁶² Há, nesta ação, um paralelo com Mt 19, 21, pois este texto revela a opção por deixar os bens e se opõe a opção do jovem que não deixa seus bens para seguir Jesus (MATEOS; CAMACHO, 1993).

⁶³ Francisco utiliza o substantivo italiano *gioia* na catequese.

⁶⁴ *χαρά, ας, ή* - (substantivo feminino) quer dizer alegria, gozo e regozijo. (YARZA, 1998, p. 1505). Por sua vez, o léxico bíblico também atribui, ao substantivo, o sentido figurado de “1. referir-se a uma pessoa ou coisa que causa alegria. 2. um estado de alegria” (GINGRICH; DANKER, 1993, p. 222).

⁶⁵ O predicativo *θησαυρῶ κεκρυμμένῳ ἐν τῷ ἀγρῶ*, o tesouro escondido no campo, insere o lugar do Reino dos Céus (ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν) na parábola. Isto é, o Reino dos Céus, objeto que está sendo explicado ao longo de todo capítulo 13 de Mateus, é semelhante à experiência realizada por uma pessoa que encontra um tesouro escondido.

É a alegria dos magos quando depois de uma viagem longa e árdua, veem de novo a estrela; a alegria. É a alegria das mulheres que regressam do sepulcro vazio, depois de ter ouvido o anúncio da ressurreição feita pelo anjo. É a alegria de quem encontrou o Senhor!” (FRANCISCO, 2023, p. 10).

Em Mt 2,10, o contexto imediato dos magos é o do encontro com Herodes. Logo após deixarem a presença do rei,⁶⁶ eles se deparam com a estrela que os guiara até ali.⁶⁷ Diante deste reencontro, diz o evangelista: “Eles, revendo a estrela, alegraram-se imensamente” (Mt 2, 10)⁶⁸. Na continuidade do texto eles fazem a sua própria experiência com o Senhor, a criança na manjedoura, e o presenteiam com seus tesouros. Assim, *χαρά*, presente na parábola do tesouro, é outra vez associado à dinâmica do encontro. Ao vislumbrarem a estrela, os magos *alegram-se excessivamente de uma grande alegria*, como aponta literalmente o texto grego. Este encontro, com o sinal precursor, é o motivo da alegria, alegria esta que os conduz ao Messias e os afasta de Herodes.

Por outro lado, a outra ocorrência do substantivo *χαρά*, mencionada por Francisco, acontece no final do Evangelho, em Mt 28,8: “Elas, partindo depressa do túmulo, comovidas e com grande alegria, correram a anunciá-lo aos seus discípulos”. O contexto imediato desta perícopa é o da visita realizada, por Maria Madalena e Maria de Tiago, ao sepulcro. Diante do anúncio do Anjo do Senhor, que dizia que Jesus havia ressuscitado e que esperava a todos na Galileia, as mulheres são tomadas por uma grande alegria⁶⁹. Assim, o evangelista Mateus, em seu próprio círculo hermenêutico, aproxima este substantivo às experiências daqueles que optaram por Jesus e pelo seu Reino. Sejam os magos ou as mulheres, ambos sentem alegria ao caminhar. É

⁶⁶ Há aqui uma concorrência de termos, muito interessante, não analisada pelo Papa. Pois em Mt 2,9 o termo que designa o rei é *βασιλέως*, cuja raiz é a mesma de *βασιλεία*, reino utilizada em Mt 13, 44. Diametralmente há uma oposição profunda entre o reinado de Herodes e o Reino dos Céus que é aclarado, na continuidade, pela perícopa de Mt 2, 10-11.

⁶⁷ Mt 2, 2: “Vimos sua estrela no céu surgir e viemos homenageá-lo.”

⁶⁸ Em grego, a expressão é superlativa, pois diz: *ἐχάρησαν χαρὰν μεγάλην σφόδρα*. Pois cada palavra evidencia um caráter muito específico. O verbo *ἐχάρησαν*, na terceira pessoa do plural, evoca o sentir alegria, é o verbo alegrar-se. O advérbio *σφόδρα* ressalta que os magos alegraram-se excessivamente, grandemente. Por sua vez o substantivo *χαρὰν* é o modo ou estado de alegria com a qual eles se alegraram. Por fim, o adjetivo *μεγάλην* ressalta o caráter da grandeza da alegria.

⁶⁹ Nesta ocorrência, o substantivo *χαρᾶς* está outra vez acompanhado pelo adjetivo *μεγάλης* que acrescenta ao substantivo uma noção da qualidade da alegria vivida. Isto é, é uma alegria grande, ótima. Além disso, esta perícopa da experiência do Sagrado, feita pelas mulheres que foram ao sepulcro, sublinha o caráter do *mysterium tremendum et fascinans* (OTTO, 2007, p. 37) visto que a experiência das mulheres é marcada, ao mesmo tempo, por *φόβου* (medo) e *χαρά* (alegria).

interessante notar que a alegria, no âmbito dos afetos, marca profundamente o caminho, pois, nas duas situações, os sinais precursores do encontro com o Senhor já são motivo para uma alegria específica e profunda, como destacado na interpretação que o Pontífice faz sobre o substantivo *χαρά*.

Para Francisco, a alegria enunciada pelo substantivo *χαρά* é o estado daquele que, discernindo a própria existência, toma decisões acertadas. Esta vivência marca a experiência dos discípulos e seguidores de Jesus em toda história. Por isso, os afetos constituem parte importante do processo de discernimento, pois a alegria - o estado de alegria proveniente da escolha acertada - sustenta, diante das dificuldades e mantém-se fiel contra qualquer falta de esperança.

Recorrido o itinerário de assimilação bíblica, realizada por Francisco a partir Mt 13, 44, fica nítido que a linguagem de Francisco é simples, contudo, profundamente teológica. A menção ao sentido do termo específico, utilizado pelo evangelista, e, por conseguinte, suas outras ocorrências no mesmo Evangelho revelam a coerência da assimilação das Sagradas Escrituras dentro dos pressupostos da análise bíblica. Francisco deixa a entender que deseja transmitir a sua mensagem, nas catequeses, de maneira simples, ao mesmo tempo que não renuncia a um fazer teológico consistente, o que corrobora o dito por Borghesi (2018, p. 19):

Sua linguagem simples nasce de um profundíssimo conhecimento do território e seus habitantes e de uma longa elaboração, também lexical, no campo, de sua identidade de sacerdote. A linguagem de Bergoglio é simples porque quer ser simples. É a simplicidade como resultado da reflexão, simplicidade evangélica e não limite de expressão. Por trás, existe um processo de pensamento, rico e original, que nasce da escola dos jesuítas, que se nutre não só dos mestres argentinos; mas, sobretudo, dos europeus.

Em suma, a análise realizada sobre a interpretação bíblica, nas catequeses sobre o discernimento, permite afirmar que Francisco é extremamente fiel ao binômio teológico do *auditus fidei* e do *intellectus fidei*. Seu método teológico não advém de uma revolução em oposição à Tradição, senão que se formula no interior desta mesma, escutando e recolhendo os tesouros da Revelação explicitados na Sagrada Tradição, na Sagrada Escritura e no Magistério vivo da Igreja (FR 65). Haja vista que a análise alegórica, textual e literária, utilizadas por ele nas catequeses, são parte inerente da Tradição.

Nesta mesma perspectiva, o exercício de explicitar a fé para os dias atuais, o *intellectus fidei*, é realizado pelo Santo Padre de maneira primorosa. A realidade do

texto bíblico de Mt 13, 44, que foi a mais interpretada nas catequese, é refletida com o olhar voltado para a realidade da contemporaneidade que vive a decisão e a escolha como um dilema antropológico. Por isso, a catequese de Francisco tateia a realidade contemporânea e, percebendo que a dificuldade não está na escolha e na renúncia, aponta a falta daquele encontro pelo qual a vida é transformada e inundada de uma alegria duradoura. O encontro com o Senhor que é o critério do discernimento cristão.

4.2.2. Alegria: o mote magisterial de Francisco que brota do discernimento

A análise das características exegéticas e hermenêuticas utilizadas, por Francisco, no decorrer da interpretação do texto de Mt 13,44, pareceria desinteressante, deslocada de todo seu magistério. O encontro com o Senhor, gerador da alegria no coração humano, é uma característica central do magistério de Francisco, para a evangelização no mundo contemporâneo.

Os títulos de alguns documentos pontifícios ressaltam esta constatação; a alegria é um elemento catalisador em seu pontificado: *Evangelii Gaudium* (2013), *Amoris Laetitia* (2016), *Veritatis Gaudium* (2017) e *Gaudete et Exsultate* (2018). Deste modo, a apreensão evangélica do apartado anterior revela, além do movimento do *intellectus fidei*, a prevalência da alegria do encontro com o Senhor como ação indispensável: na evangelização, na família, nas universidades ou na vocação comum da humanidade à santidade. Por isso é imperioso detectar, mesmo que brevemente, como o conceito teológico de alegria, isto é, aquele estado de alegria do evangelho de Mateus, se articula na missão da Igreja.

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sintetiza, logo em seu primeiro parágrafo, a potencialidade transformadora da alegria que brota do Evangelho, do encontro com o Senhor, na vida cristã com as seguintes palavras:

A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos (EG 1).

Conforme a análise bíblica, o substantivo grego *χαρά*, não se trata de euforia ou de algo momentâneo; a alegria intencionada, nas palavras de Francisco, é ontológica e preenche o coração humano. Ela parte do relacionamento com Jesus de Na-

zaré que salva o humano de sua perdição decorrente de inúmeros processos de aviltamento e de inumanidade, e insere-o numa nova realidade marcada pela fraternidade: “a fé em Deus nos descentra de nós mesmos, leva-nos a viver diante do mistério, liberta-nos de nossas certezas e seguranças, sensibiliza-nos para as carências de nossos próximos, lança-nos na ação capaz de remediá-las” (MIRANDA, 2017, p. 90). Assim, aquilo que Francisco buscou colocar como mote da ação evangelizadora, desde 2013, foi a centralidade do encontro com o Senhor; chave de leitura para o discernimento e missão da Igreja.

Além disso, na continuidade da Exortação Apostólica, Francisco traça uma arqueologia bíblica das ocorrências da palavra alegria (EG 4-5); primeiro no Antigo Testamento e depois nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos. É de se notar que nesta abordagem ele não cita nenhuma das ocorrências posteriormente analisadas nas catequeses sobre o discernimento; contudo, a alegria esperada e desejada para a ação evangelizadora da Igreja é a mesma que brota do encontro com o Senhor.

Há, portanto, em Francisco, o imperativo da alegria em oposição aos “cristãos que parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa” (EG 6). Por isso, nota-se que o discernimento, cujo afeto característico é a alegria verdadeira, tem como horizonte a orientação da vida a partir do relacionamento real com Jesus. Este relacionamento transfigura cada pessoa em sua intimidade. Sobre esse aspecto, faz-se imperioso invocar um relato sobre o Conclave da eleição de Francisco que narra os pormenores entre a escolha do nome e a aparição na sacada da Praça de São Pedro, abordando, assim, o elemento da familiaridade com o Senhor na vida do Papa:

O Papa está cruzando a Capela Sistina cabisbaixo, acompanhado pelo cardeal Vallini e pelo cardeal Tauran [na verdade era o cardeal Hummes]. Caminha olhando para baixo. Não saúda os cardeais, como se levasse um imenso fardo. Ao entrar na Capela Paulina, haviam-lhe preparado um trono, no entanto, ele não se sentou nele. Obriga os cardeais a sentarem-se um de cada lado de onde ele mesmo se encontrava, no último reclinatório. Reza em silêncio. Em dado momento o Papa se põe de pé. Volta-se, dirige-se à Sala Regia, mas agora é outra pessoa. É uma pessoa que sorri. É como se houvesse entregue o fardo desta decisão, como se Deus lhe houvesse dito pessoalmente ‘não te preocupes, estou contigo’. É uma pessoa que já não abaixa o olhar. Seu rosto já não se volta para baixo. É um homem que olha e se pergunta: o que é necessário fazer? (IVEREIGH, 2015, p. 479, *tradução nossa*).

Com estas palavras recolhidas por Ivereigh, não obstante a plasticidade da narração da cena, é possível entender a coerência com a qual o Pontífice vive sua experiência com o Senhor; fica nítida a conjunção existencial entre discernimento e alegria

no ideário e na existência de Francisco. Para o Papa jesuíta, discernir é encontrar-se com Jesus na oração e viver, atualmente, aquelas mesmas experiências existenciais narradas pelos evangelistas que, inundados da alegria do Senhor, continuaram sua missão.

Por isso, buscar refletir sobre os fundamentos teológicos bíblicos do discernimento nas catequeses de Francisco é um exercício muito complexo que conjuga a análise exegética e hermenêutica. Além disso, o modo como Francisco se aproxima do Senhor e das Sagradas Escrituras é marcado pelo encontro “entre a escritura e a vida, [neste] produz-se, assim, um círculo hermenêutico fecundo, cujo fruto é um discurso teológico cuja articulação não é científica, mas sapiencial” (SCANNONE, 2019, p. 172). Em suma, o discernimento e a alegria que provém do encontro com o Senhor e, que, nas catequeses são colocados como imperativo para a vida cristã, são elementos patentes na própria vida e nos ensinamentos de Francisco.

4.3. Agostinho de Hipona: a Tradição patrística assumida nas catequeses

As catequeses sobre o discernimento versam sobre vários aspectos da Tradição. Além das citações diretas de Ambrósio de Milão, Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, Bernardo de Claraval, Teresa do Menino Jesus e Edith Stein - bem como, a grande pertença do pensamento de Francisco à tradição espiritual inaciana - são constatadas inúmeras referências indiretas ao tesouro da Tradição. Francisco utiliza-se de conceitos e compreensões primorosamente articulados pelo *auditus fidei* e o *intellectus fidei*, como afirmado anteriormente, de modo que tais tesouros da Tradição, tão assimilados no pensamento do Pontífice, vertam naturalmente em seus textos e catequeses.

Objetiva-se, neste apartado, analisar as menções diretas ou indiretas à Tradição, especialmente agostiniana, feitas por Francisco no âmbito das catequeses sobre o discernimento. Assim, o conteúdo destas catequeses, explicitado no primeiro capítulo, será retomado e aprofundado. Antes de tal empreitada, parece oportuno e necessário identificar o que se concebe como Tradição no interior deste capítulo:

Tradição como sendo a transmissão de toda a Revelação divina através do testemunho da Palavra de Deus escrita e dos testemunhos não escritos que, desde o período apostólico, foram transmitidos “como que de mão em mão” até os dias de hoje. Sendo assim, ela não se limita ao “não escrito”, pois depois da fixação por escrito da Palavra de Deus, ela inclui uma série de documentos escritos, como é o caso da

literatura dos Padres, de certos textos litúrgicos, das profissões de fé e dos decretos conciliares (DANTAS, 2012, p. 496).

Deste modo, tomar-se-á como Tradição tudo aquilo que desde os apóstolos foi transmitido, como que de mão em mão, até nós. Por razões metodológicas serão abordadas especificamente as implicações do pensamento de Agostinho de Hipona e os conceitos de coração e desejo. Este recorte foi necessário, pois o aprofundamento teológico destes postulados vigora num profundo exercício arqueológico e, não obstante, volumoso texto comparativo e elucidativo para o objetivo desta monografia.

Agostinho de Hipona é o autor mais citado nas catequeses, logo após as citações das Sagradas Escrituras e as referências a Inácio de Loyola. Francisco faz duas citações diretas aos escritos agostinianos (*Confissões* e a *Verdadeira Religião*) na catequese sobre o livro da própria vida. Além disso, são encontradas duas menções explícitas, uma que se refere ao diálogo com sua mãe, Mônica, sobre a beleza da vida eterna, e, outra, na catequese *por que estamos desolados?* que refere-se à boa inquietude do coração.

Além destas menções diretas, após o aprofundado estudo dos elementos presentes nas catequeses, averiguou-se também que Agostinho, ou ao menos rasgos de sua tradição teológica, se fazem presentes em mais dois momentos. O primeiro na catequese sobre o conhecimento de si, quando Francisco diz: “conhecer-se não é difícil, mas é cansativo: exige um paciente trabalho de escavação interior” (FRANCISCO, 2023, p. 23). O segundo momento decorre de uma compreensão etimológica sobre a palavra desejo, iniciada por Francisco da seguinte forma: “Os mestres espirituais o indicam com o termo “desejo”, que, na raiz, é uma nostalgia de plenitude⁷⁰ que nunca encontra realização total, e é o sinal da presença de Deus em nós. O desejo não é vontade de momento” (FRANCISCO, 2023, p. 26). Francisco, nesta mesma catequese apresenta uma definição alegórica e positiva do desejo, quando afirma: “O desejo é a bússola para compreender onde estou e para onde vou; aliás, é a bússola para compreender se estou parado ou caminhando, uma pessoa que nunca deseja é uma pessoa parada, talvez doente, quase morta (FRANCISCO, 2023, p. 26).

⁷⁰ A opção de relacionar este excerto à Agostinho não deixa de afirmar que esta tensão à plenitude constitui parte importante da Tradição e poderia ser relacionada também ao capadócio Gregório de Nissa e a *epekítasis*: “que na conceituação gregoriana, [...] representa a atração que Deus exerce sobre a condição humana e, ao mesmo tempo, a sede que os homens possuem do infinito” (KIRCHNER; CORDEIRO SANTOS, 2020, p. 244).

Assim, o conceito de desejo, que possui uma catequese específica, parece ser compreendido a partir da tradição agostiniana. Além deste conceito, o coração é outro termo que, utilizado largamente por Francisco, será analisado dentro da esfera agostiniana. Proceder-se-á, para alcançar o intento de destrinchar a tradição agostiniana nas catequese de Francisco, conforme o apresentado acima: um percurso das citações diretas para compreensão dos conceitos coração e desejo.

Nossa vida é o 'livro' precioso que nos foi confiado, um livro que muitos infelizmente não leem, ou que leem tarde demais, antes de morrer. No entanto, é precisamente nesse livro que se encontra aquilo que se procura inutilmente por outros caminhos. Santo Agostinho, um grande investigador da verdade, compreendeu-o exatamente relendo a sua própria vida, observando nela os passos silenciosos e discretos, mas incisivos, da presença do Senhor. No final desse percurso, anotarà com admiração: "Tu estavas dentro de mim, e eu fora. Lá, eu procurava-te. Deformado, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Tu estavas comigo, mas eu não estava contigo". Daqui deriva seu convite para cultivar a vida interior, para encontrar o que se procura: "Volta para ti mesmo. No homem interior, habita a verdade" (FRANCISCO, 2023, p. 30).

Francisco, ao referir-se à leitura do livro da própria vida, apoia-se no testemunho dado por Agostinho nas *Confissões*. Para o Pontífice, a capacidade de percorrer a própria história de vida é indispensável para o discernimento. Por sua vez, o testemunho dado por Agostinho ao longo das *Confissões* corrobora profundamente o afirmado na catequese. Ao redigir o percurso de sua própria vida diante do Senhor, Agostinho compreendeu que o mistério do encontro com o Senhor se move na interioridade humana.

O exercício da leitura da própria vida confronta a realidade existencial de cada ser humano e, por isso, capacita-o para reconhecer a presença de elementos bons e maus em sua própria jornada. O clamor de Francisco para que cada pessoa compreenda sua história de vida, nesta perspectiva narrativa, é um convite à experiência de Agostinho que, redigindo suas *Confissões*, reconheceu o profundo mistério do Deus encarnado na história e no coração humano.

Entretanto, é importante analisar, nesta interação entre Francisco e Agostinho, o conceito que subjaz à leitura da própria história e ao encontro com o Senhor: o coração. No itinerário apresentado por Francisco, nas catequese, o termo coração é utilizado várias vezes e de muitas maneiras, sendo elas: o coração deve ser ouvido e seus movimentos devem ser conhecidos; em outro momento o coração é entendido como lugar da interação entre Jesus e a pessoa; Francisco (2023, p. 33) chega a dizer

que “no discernimento, é o coração que nos fala de Deus, e nós devemos aprender a compreender sua linguagem”. Na catequese sobre a vigilância, Francisco ressalta a importância da humildade e de velar sobre o próprio coração; por último, diz “somente na paz podemos entrar no íntimo de nós mesmos e reconhecer os desejos autênticos que o Senhor colocou no nosso coração” (FRANCISCO, 2023, p. 60).

Como apresentado, o termo coração, na apreensão das catequese de Francisco, é polissêmico. Contudo, esta polissemia não é uma novidade de Francisco, senão que compõe a própria Tradição que desde suas origens bíblicas compreende o coração de múltiplas formas. No contexto bíblico, especialmente no Antigo Testamento, o coração, que em hebraico diz-se *leb* (em grego *kardia*), era compreendido, mormente, como o centro da vida interior. “O coração é o ápice espiritual da pessoa humana, mais ninguém lhe tem acesso senão Deus, onde Ele se revela ao homem: é o lugar do encontro do homem com a graça” (CARDOSO, 2017, p. 167).

Agostinho de Hipona, por sua vez, assume a concepção bíblica e articula-a com outros aspectos filosóficos e teológicos⁷¹. Os *Comentários aos Salmos*, nesse sentido, fornecem um vasto material de análise, visto que estes desvelam-se numa quantidade considerável de aplicações e compreensões teológicas sobre o coração. É possível encontrar nos comentários de Agostinho aos Salmos: a defesa dos sentidos do coração, isto é, a construção teológica de que no coração estejam todos os órgãos do corpo humano; a compreensão de que o coração é o lugar no qual Deus habita; ou ainda, a sede dos pensamentos e sentimentos (FITZGERALD, 2019).

Entretanto, na aproximação conceitual, decorrente do conteúdo teológico, expresso nas catequese sobre o discernimento, é justo analisar aquela parte do amplo construto teológico agostiniano que define e associa o coração a Deus. Neste sentido, Cardoso sintetiza o pensamento de Agostinho sobre o coração dizendo:

O coração, na perspectiva agostiniana, define-se pela sua relação com Deus. Se o coração é o lugar da nossa identidade mais profunda, é porque no início foi formado de modo único por Deus, através dos acontecimentos que constituem a nossa história. Se o coração é um princípio de discernimento que nos permite sentir interiormente as realidades espirituais, deve-se a sermos constantemente iluminados pela Verdade, o Mestre interior. Por fim, se o coração é o princípio da vontade livre e do amor, resulta de ser feito para acolher o dom do Espírito do amor, que o conduz ao seu cumprimento. (CARDOSO, 2017, p. 177).

⁷¹ “A riqueza dos qualificativos escriturários do coração dá a Agostinho a ocasião de descrever a diversidade das atitudes espirituais, apelando à experiência de seus ouvintes” (FITZGERALD, 2019, p. 280)

As expressões utilizadas por Francisco para referir-se ao coração, ao longo das catequeses, corroboram a ideia do coração como lugar da intimidade mais profunda⁷². Por diversas vezes nas catequeses se repete o imperativo para aprender a ler o que se passa no coração humano: “É importante ler o que se move dentro de nós, para não tomarmos decisões apressadas, na onda da emoção do momento, para depois nos arrependermos, quando já for demasiado tarde. (FRANCISCO, 2023, p. 38).

Neste mesmo sentido, as catequeses apresentam o coração humano como o lugar da comunicação entre Deus e cada ser humano e reafirmam a necessidade de uma condição primeira para estar com o Senhor, isto é a paz: “Somente na paz podemos entrar no íntimo de nós mesmos e reconhecer os desejos autênticos que o Senhor colocou no nosso coração” (FRANCISCO, 2023, p. 60). Esta compreensão está em íntima sintonia com a de Agostinho, pois:

O bispo de Hipona associou ao ‘coração’ a sua imaginação pessoal desse espaço interior, onde o homem encontra Deus. O ‘coração’ do homem é o seu ‘quarto’ secreto, a sua ‘morada interior’, um ‘abismo’ insondável onde pode reinar o silêncio e nascer a oração (CARDOSO, 2017, p. 174).

Assim, o coração humano é, para Agostinho, o lugar por excelência da interioridade, para o qual convergem as exigências fundamentais do ser humano. Não se trata de uma interioridade individualista, mas comunicativa e especial; do Senhor para com o interior de cada ser humano. Para Francisco, especialmente no conteúdo de sua última catequese, a comunicação e a vida que acontecem no coração possuem caracteres invioláveis. Em dado momento, Francisco acena para que os acompanhantes espirituais não se substituam ao Senhor e muito menos à pessoa acompanhada. Pelo contrário, exorta o acompanhante a encorajar a pessoa que está acompanhando “a ler o que se move no coração, o lugar por excelência em que o Senhor fala” (FRANCISCO, 2023, p. 67).

A assimilação do termo coração no pensamento de Francisco é fortemente marcada, como afirmado, pela conceituação bíblica do *leb* e por Agostinho de Hipona. Contudo, estas duas fontes da Tradição são absorvidas em Francisco e reafirmadas a partir da leitura de uma terceira influência, isto é, de um autor contemporâneo que é

⁷² Neste sentido há uma profunda fidelidade à Escritura, visto que a apreensão bíblica evoca este mesmo sentido.

importantíssimo para o entendimento deste intrincado conceito de raízes tão complexas e antigas: Luigi Giussani⁷³.

Francisco, ainda quando Cardeal de Buenos Aires, fez a apresentação de algumas obras de Luigi Giussani em suas edições espanholas. Na apresentação à obra *O senso religioso*, o Cardeal Bergoglio aborda a questão fenomenológica da nostalgia, dizendo: “sentir-nos chamados de volta a casa, a experiência de sentir-nos atraídos para aquilo que nos é mais próprio, que é mais conforme ao nosso ser” (BORGHESI, 2018, p. 256). Apresentando a obra de Giussani, Francisco conclui que o centro irradiador da nostalgia é, a partir dos pressupostos bíblicos e agostinianos, o coração (BORGHESI, 2018). Além disso, Borghesi afirma que:

Em Giussani, na noção agostiniana de ‘coração’ como enlaçamento das exigências fundamentais da natureza humana - verdadeiro-bombelo -, Bergoglio podia encontrar o ‘polo’ subjetivo de sua concepção de Ser como unidade dos transcendentais. O coração é a raiz do verdadeiro e, portanto, da própria razão na sua inexaurível busca de um significado total que abraça vida e morte (BORGHESI, 2018, p. 257).

Deste modo, Francisco concebe de maneira primorosa o conteúdo teológico concernente ao coração, conjugando: Sagradas Escrituras, Agostinho de Hipona e Luigi Giussani. Esta peculiar união de autores e conceitos entende o coração humano como o lugar no qual a busca por Deus, sua sede pelo infinito, está constantemente patente, sem, por sua vez, esquecer-se da realidade circundante. Na esteira desta constatação, faz-se necessário tocar o segundo conceito que este trabalho afirma possuir uma relação entre Francisco e Agostinho: o desejo.

Francisco afirma que o “discernimento é uma forma de busca, e a busca deriva sempre de algo que nos falta, mas que, de certo modo, conhecemos, intuímos” (FRANCISCO, 2023, p. 26). Além disso, explicita que o desejo é uma nostalgia de plenitude, um sinal da presença de Deus em nós, atribuindo esta conceituação aos “mestres espirituais”. Como apresentado acima, a ideia da nostalgia está presente no pensamento de Luigi Giussani que, por sua vez, remonta ao bispo de Hipona. Por este motivo, infere-se aqui que, dentre os mestres espirituais que definem o desejo no pensamento de Francisco, está também Agostinho de Hipona, cujo conceito explicitar-se-á abaixo.

⁷³ Luigi Giussani (1922 - 2005) foi um padre católico italiano. Ao apresentar o livro *O senso religioso* de Luigi Giussani, Francisco diz que “há muitos anos já, os escritos de Dom Giussani inspiraram minha reflexão” (BORGHESI, 2018, p. 256).

Logo no início das *Confissões*, Agostinho escreve: “fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti” (AGOSTINHO, 1997, p. 19). Além disso, no *livro X das Confissões*, ele revela que o desejo pela verdade e pela felicidade que habita o coração humano configura-se como um vestígio do desejo de Deus, inscrito em cada criatura (FITZGERALD, 2019). Deste modo, em Agostinho, encontra-se o germe da mesma experiência que Francisco aponta como o motor do desejo, isto é, a falta conhecida e intuída que move o coração humano.

Ainda definindo o desejo, Francisco (2023, p. 26) diz: “evoca um sofrimento, uma carência e, ao mesmo tempo, uma tensão para alcançar o bem que nos falta. Então, o desejo é a bússola para compreender onde estou e para onde vou.” Esta concepção insere o desejo na profunda dinâmica do discernimento e do relacionamento com Deus. O desejo é uma tensão existencial, radical de unidade e completude; neste sentido, encontra-se em profunda harmonia com a condição antropológica atestada na fé cristã.

No entanto, diante de uma sociedade dissolvida em tantos aspectos volúveis e de menor importância, Francisco retoma a dinâmica do desejo como chave de leitura para o discernimento. Um desejo ontológico, como ele próprio afirma, não uma vontade do momento, que nas catequeses é considerada como um desejo epidérmico, orientado pelas vãs alegrias passageiras deste mundo⁷⁴. Sobre este desejo superficial e enganoso, Francisco realça a sua capacidade de enganar o coração humano e inviabilizar a busca pela verdadeira vida.

Em estreita relação, as considerações de Francisco se aproximam muito da estrutura do pensamento agostiniano elaborado no entendimento da tensão entre as tentações e a busca pela *beata vita*. A compreensão contemporânea⁷⁵ da obra de Agostinho encontra nas tentações, esmiuçadas pelo próprio bispo de Hipona, a com-

⁷⁴ “Isso acontece porque o homem busca a Deus, estando imerso no mundo, compartilhando dele e, por conseguinte, entregando-se aos nexos de sua própria existência” (GONÇALVES, 2016, p. 289). O problema considerado aqui, ora em Agostinho ora em Francisco, não é o de realizar o discernimento em meio à concretude existencial da cotidianidade. Pois esta condição é intrínseca. A verdadeira problemática está na capacidade que o cotidiano possui de distrair o coração humano em seu desejo por Deus.

⁷⁵ Aqui o instrumental utilizado é o fenomenológico-hermenêutico do artigo *A religião nas tensões e inquietações da vida: Análise Fenomenológica da experiência religiosa de Santo Agostinho* de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves. O artigo permite compreender a experiência da *beata vida* em Agostinho em seu dilema ontológico existencial com a faticidade. Nesta empreitada, o conteúdo das tentações surge como um fator que desvia o humano de sua completude existencial realizada, nesta perspectiva, no encontro com Deus.

plexa estrutura humana que está aí tensionada a encontrar-se com Deus ou permanecer na condição coberta ou velada da própria realidade que escamoteia o Senhor. No interior do pensamento de Agostinho, cada ser humano necessita viver a própria vida em vista de uma opção profunda e concreta que abra os horizontes de sua existência para a experiência do Criador que, por sua vez, deixa-se encontrar (GONÇALVES, 2016).

Deste modo, a concepção de desejo, desenvolvida por Francisco e atribuída, por ele, aos grandes mestres da espiritualidade, assume características claramente agostinianas. Por isso, a afirmação de que, nos postulados de Agostinho, jazem os fundamentos desta noção de desejo, parece razoável e fundamentada. Para Agostinho, “pelo desejo o homem tende para a visão de Deus: assim, ultrapassa toda a criação para poder alcançar a Deus” (FITZGERALD, 2019, p. 324). Enquanto isso, Francisco em sua catequese aponta para a importância do desejo sincero que direcione a vida humana e que, como afirmado, é entendido “como uma nostalgia de plenitude que nunca encontra realização total, e é o sinal da presença de Deus em nós” (FRANCISCO, 2023, p. 26).

Em suma, Francisco parece assumir os conceitos teológicos de coração e desejo da tradição agostiniana. Ficou evidente que tais conceitos, transmitidos de *mãos em mãos* até os dias atuais, passaram por revitalizações e novas compreensões, conforme demonstrado com a inserção da influência de Giussani no pensamento de Francisco⁷⁶. Entretanto, o conteúdo exposto nas catequese, sobre o discernimento, deixa evidente uma clara linha de continuidade entre os aspectos desenvolvidos por Agostinho de Hipona, no início do cristianismo, e os apresentados nas catequese de Francisco.

4.4. Considerações Finais

Este capítulo buscou considerar a assimilação das Sagradas Escrituras e da Tradição realizada por Francisco no bojo das catequese sobre o discernimento. Por isso, os elementos abordados foram trabalhados de maneira detalhada e cuidadosa,

⁷⁶ Como referido, anteriormente, em nota, outra possibilidade de estudo comparativo e de influência nas catequese sobre o discernimento também poderia ser atribuída a Teresa de Lisieux que, além de ser citada pelo Pontífice, foi objeto de uma recente Exortação Apostólica, *C'est la confiance* que trata sobre o amor misericordioso de Deus. Nesta Exortação é possível identificar definições do conceito de coração, numa perspectiva espiritual e na simbologia do amor esponsal, que corroboram e ampliam o material trabalhado em Agostinho. O mesmo estudo poderia ser aplicado ao conceito de desejo e à assimilação que Francisco realiza, a partir do pensamento de Teresa de Lisieux.

intentando aclarar a específica apropriação e interpretação que o Pontífice faz destes elementos e, quando possível, apontar os autores dos quais provêm os conceitos sublinhados.

É um fato notório que o conteúdo exposto representa um recorte muito preciso de alguns elementos que saltam aos olhos nas catequeses. A análise completa das várias citações diretas e indiretas seria um esforço hercúleo para um trabalho de conclusão de curso. Contudo, os elementos selecionados, seja a perícopes bíblica de Mt 13, 44-48, como os conceitos agostinianos, coração e desejo, formam uma unidade muito interessante no que diz respeito ao discernimento. A alegria, por sua vez, compreendida à luz dos próprios postulados hermenêuticos e exegéticos de Francisco, constitui o afeto, por excelência, do discernimento. O exercício do discernimento, vivido em sua condição ontológica, leva ao reconhecimento deste estado de alegria, própria do encontro com o Senhor.

Francisco é categórico ao compreender que os encontros bíblicos mencionados: o tesouro e a pérola (Mt 13, 44-46), os magos e a estrela (Mt 2, 10) e as mulheres com o anjo que anunciava a ressurreição de Jesus (Mt 28, 8), são exemplos da alegria a qual se chega pelo discernimento. Estes exemplos são tomados como paradigma para a condição antropológica contemporânea, muitas vezes, enganada por falsas alegrias e paralisada diante da escolha.

Por sua vez, o conceito de coração, importantíssimo nas catequeses, foi abordado à luz da tradição agostiniana, cuja teologia, alicerçada na compreensão das Sagradas Escrituras, fundamenta a compreensão do coração humano como o lugar da busca de Deus. Não sem razão, Francisco, em suas catequeses, roga ao povo fiel de Deus que aprenda a escutar o coração, a ler aquilo que se passa nele e, por várias vezes, silenciar-se e fazer o exame de consciência. Estes exercícios, cotidianos para Francisco, se traduzem na escuta de Deus.

Para Francisco, tatear aquilo que se passa no coração é abrir-se atentamente para Deus, pois no coração humano estão contidas as marcas que conduzem ao Criador. O coração, ao longo da existência, capta as pegadas do Criador, deixadas no solo da própria vida e que, algumas vezes, não são captadas e compreendidas, devido à falta de silêncio e de uma escuta atenta do interior.

Outro conceito, trabalhado por Francisco, parece ter seu fundamento teológico na obra de Agostinho: o desejo. Conforme demonstrado, o desejo, para o bispo de Hipona e para Francisco, caracteriza-se por ser uma tensão até Deus. A seu modo,

esta tensão é capaz de orientar o ser humano em meio ao *caos* que o cerca. Assim, o desejo orienta o coração humano para o discernimento. O discernimento, por sua vez, é confirmado pela alegria que não é passageira, mas configura-se no imperativo do encontro com o Senhor. A alegria cristã orienta o coração, o homem interior, para Deus, desejando-o entre todas as outras coisas.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho buscou alcançar, ao longo de seus capítulos, o objetivo de sintetizar e apresentar, analiticamente, os fundamentos teológicos do conceito de discernimento nas catequeses do Papa Francisco. Por isso, o caminho percorrido apresentou as catequeses proferidas pelo Pontífice e, a partir do conteúdo de cada catequese, visualizou as influências e a teologia subjacente aos elementos encontrados naquelas. Por último, versou sobre a presença das Escrituras e da Tradição nas catequeses e como estas foram captadas e transmitidas por Francisco.

O movimento realizado ao longo do trabalho, como dito na introdução, foi arqueológico, buscando compreender e analisar as minúcias do conteúdo teológico das catequeses sobre o discernimento. É possível afirmar que o proceder metodológico deste trabalho se equipara ao movimento concêntrico da geometria, visto que, da análise abrangente das catequeses, passa, gradativamente, ao estudo de seus fundamentos. Por esta razão, o conteúdo trabalhado no primeiro capítulo é assumido e aprofundado no segundo e, ainda, o conteúdo das catequeses, revisitado à luz das fontes e dos fundamentos teológicos, embasa a compreensão fundamental do terceiro capítulo, ou seja, o modo como Francisco assimila e assume as Escrituras e a Tradição em seu magistério.

No capítulo intitulado *as catequeses sobre o discernimento: conteúdo e fonte*, foram apresentadas as catorze catequeses sobre o discernimento, realizadas entre agosto de 2022 e janeiro de 2023. A metodologia deste capítulo buscou evidenciar os elementos que, posteriormente viriam a ser compreendidos como porta de entrada para se chegar aos fundamentos teológicos do Papa Francisco. Além disso, estas catequeses foram agrupadas, artificialmente, no primeiro capítulo, para ressaltar o proceder do Pontífice e a existência de elementos que se comunicam entre si, no interior das próprias catequeses.

No conteúdo do primeiro capítulo ficou patente a presença massiva da figura de Santo Inácio de Loyola e de seus escritos, principalmente na definição das matérias e modalidades do discernimento. Francisco, ao longo de suas catequeses, fez uso corrente dos conceitos e das definições, contidas nos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio. Esta constatação, explicitada no capítulo primeiro, deu origem à hipótese que orientou e guiou a confecção do capítulo procedente: o conteúdo teológico subjacente

às catequese do discernimento pertence ao orbe inaciano? Além de Inácio de Loyola, quais são os outros elementos e influências teológicas ali presentes? Parcialmente, estes elementos foram tratados no fim do próprio capítulo, pois, após a análise comparativa dos conceitos e das exposições, ora de Francisco ora de Inácio de Loyola, o vínculo mostrou-se evidente.

Por sua vez, o segundo capítulo, intitulado *por detrás das fontes: os fundamentos teológicos das catequese sobre o discernimento do Papa Francisco*, buscou aprofundar os temas correlacionados entre Francisco e Inácio de Loyola. Ademais, tentou responder a outra questão levantada anteriormente, isto é: quais são os outros elementos e influências teológicas presentes nas catequese?

Para isso, foram importantíssimas várias fontes e comentadores que se debruçaram sobre a trajetória teológica, formativa e pastoral de Jorge Mario Bergoglio, com destaque para o italiano Massimo Borghesi e para o teólogo argentino Juan Carlos Scannone. Sem o auxílio de suas obras, como fica nítido pelo vasto recurso a notas e citações utilizadas ao longo do trabalho, seria impossível trilhar o caminho realizado ao longo deste trabalho.

Com o auxílio das obras de Borghesi e Scannone foi possível inferir que a assimilação do conteúdo inaciano, realizada por Francisco nas catequese sobre o discernimento, não era netamente imediata. Mesmo que por parte do Pontífice houvesse o estudo e o acesso direto e imediato às obras de Inácio de Loyola, estas foram recebidas num contexto específico e de mãos que foram responsáveis por transmitir e influenciá-lo na compreensão da espiritualidade inaciana.

O jovem jesuíta Jorge Mario Bergoglio recebeu a herança inaciana num contexto de resgate, isto é, a partir do anseio de Miguel Fiorito de recuperar e atualizar o carisma dos jesuítas. Esta pulsão de Fiorito dialogava profundamente com a intuição do Concílio Vaticano II para a vida religiosa e foi fundamental no itinerário formativo de Francisco. A transmissão, de *mãos em mãos*, da espiritualidade jesuíta ainda decorria de outro grande pensador que influenciou Francisco: Gaston Fessard.

Neste sentido, este trabalho é profundamente devedor a Borghesi que dá robustez à hipótese de que Francisco possui uma influência determinante da obra *La dialectique des Exercices spirituels de Saint Ignace de Loyola* (A dialética dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola). Como afirmado no segundo capítulo, a forma e o modo como Francisco compreende aspectos importantes de sua teologia

decorrem da tensão bipolar e de outros elementos teológicos contidos no pensamento de Fessard.

Em Fiorito, em Fessard e na formação da Companhia de Jesus, encontram-se os elementos mais importantes da assimilação e compreensão da tradição inaciana no pensamento de Francisco, especialmente naquilo que se refere ao discernimento. No entanto, estes não foram os únicos elementos encontrados no pensamento de Francisco; por isso, uma parte considerável do segundo capítulo buscou compreender a *Teologia do Povo* e a influência de Romano Guardini no desenvolvimento teológico do Pontífice.

Os aspectos teológicos de Romano Guardini e da *Teologia do Povo*, presentes nas catequeses, não foram encontrados da mesma forma que a espiritualidade inaciana. Enquanto há citações diretas e explícitas à espiritualidade inaciana, Romano Guardini e a *Teologia do Povo* subjazem à forma de Francisco fazer e pensar teologia. Enquanto Inácio de Loyola aparece como o autor mais citado das catequeses, Guardini e os autores da *Teologia do Povo* não são mencionados nenhuma vez. Entretanto, estes autores possibilitaram, a Francisco, um jeito único de compreender a realidade e de aproximar a espiritualidade inaciana ao *locus theologicus*, por excelência do Sumo Pontífice, isto é, à cultura e o *povo fiel de Deus*.

Assim, o segundo capítulo deste trabalho permite afirmar que as catequeses sobre o discernimento possuem, como fonte primordial de seu conteúdo teológico, a espiritualidade inaciana, em especial os *Exercícios Espirituais*. No entanto, este conteúdo, foi transmitido por algumas mãos que não o deixaram isento de suas próprias compreensões e visões, ou seja, as mãos de Fiorito e Fessard. Por outro lado, a manifestação deste conteúdo inaciano, na esfera da teologia de Francisco, é oferecida ao mundo cristão, a partir dos postulados fundamentais de seu pensamento: sua compreensão de mundo e leitura da realidade. Todos estes elementos foram fortemente influenciados por Guardini e pela *Teologia do Povo*.

O conteúdo analisado no terceiro capítulo decorreu da confluência dos capítulos anteriores. Deste modo, os elementos das Sagradas Escrituras e da Tradição, assumidos por Francisco nas catequeses, foram interpretados e compreendidos a partir dos aspectos teológicos subjacentes ao seu próprio pensamento. Para o bom proceder metodológico, foram selecionados elementos mais flagrantes com o conteúdo do discernimento e com seus fundamentos teológicos: Mt 13, 44-48 e os conceitos de “desejo” e “coração” na tradição agostiniana.

Assim, a apropriação bíblica do evangelho de Mateus, realizada por Francisco na primeira catequese, revelou uma fonte para compreender a razão motivadora da decisão. Deliberar, escolher, por fim, discernir, no ideário de Francisco é agir a partir de um encontro que gera uma grande alegria, uma alegria verdadeira. Neste sentido, o imperativo do discernimento, encontrado em vários de seus documentos e assinado na introdução deste trabalho, vigora como a decisão orientada pelo e para o encontro com o Senhor. Por isso, é possível afirmar que, a proposta das catequeses, versa sobre o discernimento espiritual, não o pastoral ou social, mas aquele intuído já na Tradição e manifestado, de modo categórico, por Inácio de Loyola nos *Exercícios Espirituais*.

Ao lado desta constatação que floresceu da interpretação bíblica de Francisco, outro aspecto estudado foi a influência da tradição agostiniana nas catequeses. É notório que os escritos de Agostinho de Hipona fazem parte da Tradição da Igreja, no âmbito das catequeses; Agostinho é o autor mais citado logo após as Sagradas Escrituras e Inácio de Loyola. Por isso, buscou-se nele as definições conceituais que correspondiam aos fundamentos teológicos do discernimento abordados por Francisco. Neste sentido, sobressaltaram dois conceitos amplamente utilizados por Francisco: coração e desejo.

Na esteira desta pesquisa, inferiu-se que Francisco, ao citar Agostinho, faz referência a ambos os conceitos e, nas citações indiretas, constatou-se que estes elementos procederiam ou de Agostinho ou de sua tradição. Assim, o último apartado do terceiro capítulo buscou compreender a importância da compreensão agostiniana de coração e desejo, no desenvolvimento das catequeses sobre o discernimento.

O conceito de coração, vastamente utilizado ao longo de todas as catequeses, mostrou-se de uma profundidade teológica ímpar. Encontrado no contexto bíblico, o termo *leb* gozava de uma densa e ampla conceituação. Por sua vez, assumido no pensamento de Agostinho, o coração também passou a ser compreendido, mais propriamente, como o lugar no qual Deus se revela ao homem e a ele se comunica, além de ser o lugar da sede pelo infinito, inscrita no ser humano. A ligação entre a compreensão de Agostinho e a de Francisco ficou ainda mais nítida a partir de Luigi Giussani, cuja obra influenciou Francisco e assumiu, categoricamente, os postulados do Bispo de Hipona.

Do coração, passou-se imediatamente à compreensão do desejo. Este, no contexto das catequeses, apresenta-se como um corolário do coração, fonte da sede pelo

infinito. O desejo é concebido, nas catequese, como uma tensão para alcançar o que falta ao ser humano. Por sua vez, a tradição agostiniana concebe o desejo de modo análogo, associando esta tensão do coração à busca do repouso em Deus. Assim, o desejo, compreendido como nostalgia ou falta, corrobora a hipótese de que tais elementos, coração e desejo, tenham sido assumidos, por Francisco, de Agostinho ou da Tradição agostiniana.

Deste modo, a análise arqueológica, em busca dos fundamentos teológicos do conceito de discernimento nas catequese de Francisco, encontrou as respostas possíveis ao anseio de seu objetivo fundamental: sintetizar analiticamente, à luz da teologia, os fundamentos teológicos do conceito de discernimento nas catequese do Papa Francisco. O caminho percorrido, ao longo do trabalho, conseguiu apresentar, destrinchar e revelar os conceitos e apreensões que fundamentam o pensamento de Francisco no que se refere ao discernimento.

É justo e correto afirmar que, a partir do objeto material deste estudo, muitas outras portas poderiam ser abertas. Seria possível conceber a influência de Tomás de Aquino e de Teresa de Lisieux, ou ainda, a influência da literatura, especialmente de Alessandro Manzoni, nas catequese. Elementos estes que foram inicialmente estudados, mas que, devido ao caráter monográfico e sintético deste trabalho, não puderam compor o recorte epistemológico abordado. No entanto, o discernimento, realizado na escolha dos temas e recortes abordados, permaneceu fiel a um caminho uniforme e preciso que colhesse, como fruto deste labor, as características e os aspectos essenciais dos fundamentos teológicos do discernimento nas catequese de Francisco.

Em suma, o discernimento é um dos motes de Francisco. Seu uso pastoral e, principalmente, as inúmeras ocorrências em seus documentos, demonstram que é uma palavra de ordem. Ao mesmo tempo, buscando a origem deste conceito, notou-se, como ficou evidente, que o discernimento constitui o próprio modo de ser e viver do Papa Francisco. Discernir é o verbo chave de seu magistério porque é a palavra-chave de sua própria vida. O discernimento em Francisco não é algo novo e inédito, pois, como cuidadosamente demonstrado, é uma herança recebida a partir de seus formadores e que remonta a Inácio de Loyola. Por sua vez, o discernimento pressupõe a misteriosa relação entre Deus e o humano, sendo vivido no íntimo de cada vivente, em seu coração, como resposta ao amor. Um coração que anseia e deseja Deus, mas que se vê impelido espiritualmente a decidir-se por Ele, para assim, encontrá-Lo.

REFERÊNCIAS

ACIDIGIAL. Acidigital: O que é uma audiência geral e sobre o que o Papa Francisco fala nelas? 2019. Disponível em: < https://www.acidigital.com/noticia/41718/o-que-e-uma-audiencia-geral-e-sobre-o-que-o-papa-francisco-fala-nelas?utm_campaign=shareaholic&utm_medium=copy_link&utm_source=bookmark> Acesso em 20 nov. 2023.

BALANIUC, H. M. Parábola e Sentido: uma análise semiótica de Mateus 13.44. **Acta semiotica et linguistica**, v. 27, n. 3, p. 19 -28, 2022.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 8. impr. São Paulo: Paulus, 2012.

BINGEMER, M. C. L. BINGEMER, M. C. L. **O Mistério e o mundo**: Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

BORGHESI, M. **Jorge Mario Bergoglio**: uma biografia intelectual. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

BORGHESI, M.; BUROCCHI, A. M. A influência de la Dialectique des “exercices spirituels” de Saint Ignace de Loyola no pensamento de Jorge Mario Bergoglio. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, v. 19, n. 59, p. 852, 31 ago. 2021.

CARDOSO, I. M. A. Da humildade à caridade: o “coração” em Santo Agostinho. **Didaskalia**, Lisboa, v. 47, n. 1, p. 163-181, 1 jan. 2017.

CARRARA, P. S.; MACHADO, J. R. DE F. Antropologia transcendental: uma leitura de Karl Rahner. **INTERAÇÕES**, Belo Horizonte, v. 12, n. 22, p. 369-392, 30 dez. 2017.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2001.

DANTAS, J. P. de M. Em busca do significado teológico da "Sagrada Tradição". **Atualidade Teológica**, n. 42, p. 488-502, 2012.

FITZGERALD, A. D. **Agostinho através dos tempos**: uma enciclopédia. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO, PP. **Apresentação da obra em cinco volumes dedicada aos Escritos do Pe. Miguel Ángel Fiorito** (2019). Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/595189-padre-miguel-angel-fiorito-sj-meu-mestre-artigo-do-papa-francisco>> Acesso em: 26 mar. 2024.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral de 9 de novembro de 2022**: A Viagem Apostólica ao Bahrein. (2022). Disponível em: < <https://www.vatican.va/content/francisco/pt/audiences/2022/documents/20221109-udienza-generale.html>>. Acesso em 22 maio 2024.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica C'est la confiance**. (2023) Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231015-santateresa-delbambinoges.html> Acesso em: 12 jun. 2024.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium** sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate**. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

FRANCISCO, PP. **Homilia na Celebração Eucarística no Encerramento do jubileu pelos 800 anos da confirmação da Ordem dos Pregadores**. Disponível em; <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170121_omelia-domenicani.html>. Acesso em: 12 jun. 2024.

FRANCISCO, PP. **O discernimento**. São Paulo: Paulinas, 2023.

GINGRICH, F. W.; DANKER, F. W. **Léxico do Novo Testamento Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GIOVANNI XXIII, PP. **Udienda Generale: San Gregorio VII**. (1961). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-xxiii/it/audiences/documents/hf_j-xxiii_aud_19610531.html> Acesso em: 15 out. 2023.

GONÇALVES, P. S. L. **A relação entre antropologia e teologia em perspectiva libertadora**. São Paulo: Recriar, 2020.

GONÇALVES, P. S. L. A religião nas tensões e inquietações da vida: Análise Fenomenológica da experiência religiosa de Santo Agostinho. **Revista Pistis & Praxis**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 279–305, 2016.

GONÇALVES, P. S. L. Igreja e Missão no contexto de Pós-modernidade. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, p. 363-389, 2018.

GONÇALVES, P. S. L.; ROSSI, A. L. A religião católica e as questões sociais no pensamento do Papa Francisco. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 83, n. 325, p. 367–382, 2023. Disponível em: <<https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/4884>> . Acesso em: 28 maio. 2024.

INÁCIO DE LOYOLA. **Exercícios Espirituais**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

IVEREIGH, A. **El gran reformador: Francisco, retrato de un papa radical**. Barcelona: Ediciones B, 2015.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Encíclica Fides et Ratio**. São Paulo: Paulinas, 1998.

KIRCHNER, R. CORDEIRO SANTOS, L. . Uma interpretação alegórica e simbólica da Bíblia segundo Gregório de Nissa. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB**, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 233–250,

2020. DOI: 10.22478/ufpb.1982-6605.2020v17n1.50057. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/50057>. Acesso em: 17 maio. 2024.

LAFONTAINE, R. **A originalidade dos Exercícios de Inácio de Loyola**: São Paulo: Edições Loyola, 2022.

LIBÂNIO, J. B. **O discernimento espiritual revisitado**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

LOUZEAU, F. **Quarenta anos após a morte do jesuíta Gaston Fessard: profeta e sonhador** (2018). Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/580068-quarenta-anos-apos-a-morte-do-jesuita-gaston-fessard-profeta-e-pensador>> Acesso em: 28 maio 2024.

MELO, M. A. R. de. **A espiritualidade inaciana como fenômeno de valorização da subjetividade e interioridade humana**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.

MIRANDA, M. de F. **A reforma de Francisco: fundamentos teológicos**. São Paulo: Paulinas, 2017.

MONDONI, D. **História e teologia da espiritualidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelsriftung, 2021.

OTTO, R. **O sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. São Leopoldo: Sinodal, EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PASTOR, F. A. **A lógica do Inefável**. Aparecida, SP: Santuário, 2012.

SCANNONE, J. C. **A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco**. São Paulo: Paulinas, 2019.

SPADARO, A. **Entrevista ao Papa Francisco** (2013). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html> Acesso em: 28 maio 2024.

YARZA, F. I. S. (dir). **Diccionario Griego-Español**. 2 Vol. Barcelona: Editorial Ramon Sopena, 1998.